



INSTITUTO
UNIVERSITÁRIO
DE LISBOA

Estudo sobre literacia financeira face ao investimento em ações

Mauro Filipe Sousa Afonso

Mestrado em Gestão

Orientador:

Tiago Miguel Teixeira Carrazedo, Assistente Convidado

Iscte – Instituto Universitário de Lisboa

outubro, 2024



BUSINESS
SCHOOL

Departamento de Marketing, Operações e Gestão Geral

Estudo sobre literacia financeira face ao investimento em ações

Mauro Filipe Sousa Afonso

Mestrado em Gestão

Orientador:

Tiago Miguel Teixeira Carrazedo, Assistente Convidado

Iscte – Instituto Universitário de Lisboa

outubro, 2024

"In investments you don't have to do extraordinary things to get extraordinary results. Simple works" – **Warren E. Buffett**

"You should remember that good ideas are rare—when the odds are greatly in your favor, bet heavily. The whole secret of investments is to find places where it's safe and wise to non-diversify" – **Charles T. Munger**

Agradecimentos

À minha família, por todo o apoio, suporte e confiança.

Aos meus amigos, pelo exemplo e amizade.

A todos os colegas e docentes do Iscte Executive Education, especialmente ao Professor Doutor Pedro Dionísio, pois sem ele nada disto seria possível.

Ao meu orientador, professor Tiago Carrazedo, pela disponibilidade, confiança, partilha e motivação ao longo de todo o processo.

Sumário

Portugal, de acordo com o Eurobarómetro de 2023, realizado para a Comissão Europeia, ficou em penúltimo lugar da União Europeia no que diz respeito à literacia financeira. Este conceito envolve o entendimento e domínio de riscos financeiros, bem como a capacidade, motivação e confiança para aplicar esse conhecimento na tomada de decisões eficazes em contextos financeiros. Adicionalmente, verifica-se um afastamento significativo do mercado acionista.

O presente trabalho teve como objetivo entender as razões do afastamento dos portugueses em relação ao mercado acionista, considerando que este ativo tem sido, em média, o que melhor preserva e remunera o capital nas últimas décadas.

Este trabalho dividiu-se em cinco partes. A primeira definiu o objeto do estudo que, apoiado na revisão de literatura, estabeleceu as bases científicas para esta dissertação. A segunda parte consistiu na realização de inquéritos para recolher dados sobre o nível de literacia financeira, tanto de forma geral como específica em relação ao conhecimento sobre ações. A terceira parte analisou os resultados organizados num Dashboard. Na quarta parte foram redigidas conclusões, recomendações e limitações do estudo. Por fim, foi desenvolvido um simulador financeiro que sugere alocações de capital em ações, com base no perfil de risco do investidor.

Em suma, este estudo destacou a relevância da literacia financeira no investimento em ações, evidenciando o impacto negativo da iliteracia neste mercado. Muitos demonstraram desconhecimento sobre conceitos básicos, mas expressaram vontade de aprender, criando oportunidades para desenvolver estratégias que melhorem a literacia financeira e aproximem as pessoas do mercado acionista.

Palavras-Chave: Literacia Financeira, Investimento, Ações, Mercado Acionista

Sistema de Classificação JEL: O16, D9

Abstract

According to the 2023 Eurobarometer conducted for the European Commission, Portugal ranked second to last in the European Union regarding financial literacy. This concept encompasses the understanding and mastery of financial risks, as well as the capacity, motivation, and confidence to apply this knowledge in making effective financial decisions. Additionally, there is a significant disengagement from the stock market. The present work aimed to understand the reasons behind the detachment of the Portuguese from the stock market, considering that this asset has, on average, been the one that best preserves and rewards capital in recent decades.

This work is divided into five parts. The first defined the object of study, which, supported by a literature review, established the scientific foundations for this dissertation. The second part involved conducting surveys to gather data on the level of financial literacy, both in general and specifically concerning knowledge about stocks. The third part analyzed the results organized in a Dashboard. The fourth part drafted conclusions, recommendations, and limitations of the study. Finally, a financial simulator was developed that suggests allocations of capital in stocks based on the investor's risk profile.

In summary, this study highlighted the relevance of financial literacy in stock investment, revealing the negative impact of illiteracy in this market. Many demonstrated a lack of understanding of basic concepts but expressed a willingness to learn, creating opportunities to develop strategies that improve financial literacy and bring people closer to the stock market.

Keywords: Financial Literacy, Investments, Stocks, Stock Market

JEL Classification: O16, D9

Índice

1. Introdução	1
2. Revisão de Literatura	3
2.1 Literacia Financeira	5
2.2 Perfil de Risco do Investidor	6
2.3 Investimento em ações	8
2.4 Vieses Cognitivos associados ao investimento	9
2.5 Value Investing	11
2.6 Indexação e Dollar Cost Averaging	13
2.7 Stock Market Puzzle	14
3. Metodologia.....	15
3.1 Desenvolvimento da estrutura.....	16
3.2 Alocação de Capital Sugerida	19
3.3 Exemplo	22
4. Resultados e Discussão	25
4.1 Análise dos Ecrãs do Dashboard	25
4.1.1. Overview - Caracterização da amostra.....	29
4.1.2 Análise Perfil de Investimento e Literacia Financeira	30
4.1.3 Análise Experiência Passada em Ações.....	34
4.2 Análise Respostas Abertas	38
5. Discussão de Resultados	39
6. Conclusões	41
7. Limitações e Recomendações	43
7.1 Limitações	43
7.2 Recomendações	43
8. Fontes	45
9. Referências Bibliográficas	47
10. Anexos	53

Índice de figuras

Figura 1 - Retornos (1926-2023) do mercado acionista.....	2
Figura 2 - Relatório do Simulador Financeiro	17
Figura 3 - Almanaque do Investimento em Ações.....	18
Figura 4 - Ecrã Overview	26
Figura 5 - Ecrã Análise Perfil de Investimento e Literacia Financeira	27
Figura 6 – Ecrã Análise Experiência em Ações	28
Figura 7 – Média e Moda do Score Final	30
Figura 8 - Distribuição do Score Final por Rendimento Anual Líquido	30
Figura 9 - Distribuição do Score Final por Habilitações Literárias	31
Figura 10 - Distribuição do Score Final	31
Figura 11 - Apenas Especialistas Devem Investir?	31
Figura 12 -Distribuição do Score final por Experiência Passada	32
Figura 13 - Distribuição do Score Final por Conhecimento Específico.....	32
Figura 14 - Pessoas Estão Informadas Sobre Ações?	33
Figura 15 - Gostaria de estar mais informado sobre ações?.....	33
Figura 16 - Confiaria a gestão do seu portfólio a um profissional?	33
Figura 17 - Experiência Passada Em Ações	34
Figura 18 - Experiência Passada Em Ações e Score Final	34
Figura 19 - Experiência Passada em Ações e Rendimento Líquido Anual.....	35
Figura 20 - Experiência Passada em Ações e Habilitações Literárias	35
Figura 21 - Experiência Passada em Ações e Horizonte Temporal do Investimento	35
Figura 22 - Apenas especialistas devem investir em ações?.....	36
Figura 23 - Experiência Passada em Ações e Conhecimento Específico dos Inquiridos sobre DCA e Índices	36
Figura 24 - Experiência Passada em Ações e Pessoas estão informadas sobre ações?.....	37
Figura 25 - Gostaria de estar mais informado sobre Ações?	37
Figura 26 - Género.....	53
Figura 27 - Faixa Etária	53
Figura 28 - Rendimento Líquido Anual.....	53
Figura 29 - Salário Líquido Mensal	54
Figura 30 - Profissões	54
Figura 31 - Habilitações Literárias	55
Figura 32 - Classe de Ativos	55
Figura 33 - Percentagem de Investimento Atual	55
Figura 34 -Percentagem de Investimento Ideal	56
Figura 35 - Percentagem de Poupança Atual.....	56
Figura 36 - Percentagem de Poupança Ideal	56

1. Introdução

Nos últimos anos, observou-se um aumento significativo na importância atribuída à literacia financeira em Portugal. O reconhecimento da relevância do entendimento financeiro tornou-se mais evidente devido às complexas dinâmicas do cenário financeiro atual, as quais impactam diretamente o quotidiano dos cidadãos.

Em 2020, segundo dados disponibilizados pelo Banco Central Europeu (BCE), Portugal ocupava a última posição no ranking relativo ao nível de literacia financeira da zona euro. Em 2023, segundo o Eurobarómetro, realizado para a Comissão Europeia, Portugal ficou em penúltimo lugar da União Europeia no que diz respeito à literacia financeira

Em 2016, a Autoridade de Supervisão de Seguros e Fundos de Pensões, o Banco de Portugal e a Comissão do Mercado de Valores Mobiliários (CMVM) realizaram um estudo e concluíram que 89.9% dos inquiridos nunca investiu em mercados financeiros e que, no total, apenas 4% dos portugueses têm investimentos em valores mobiliários.

Mais recentemente, de acordo com o Relatório do 4.º Inquérito à Literacia Financeira da população portuguesa de 2023, a proporção de entrevistados que investiu em ações, obrigações e fundos de investimento é de 5.2%, mais baixa do que em 2020 (9,4%), mas superior à de 2015 (3,9%).

Por outro lado, no longo prazo, especialmente no maior mercado bolsita mundial, o norte-americano, é visível que as ações são o ativo que melhor preserva e remunera o capital investido. De acordo com um estudo realizado em 2020 pelo Deutsche Bank, onde são avaliados os retornos das diferentes classes de ativos, é possível observar que os retornos nominais médios das ações nos últimos 100 anos (1921-2020) foram de 10.48%. Este número foi superior à média de Corporate Bonds (6.51%), AAA Bonds (6.29%), BBB bonds (6.97%), Gold (4.67%), House Prices (3.67%), Oil (1.90%) e Commodities (1.53%). Quando reduzimos o horizonte temporal para 50 anos, os valores alteram, mas a classe das ações mantém as rentabilidades médias mais elevadas com 10.53%. Existe uma aproximação das Corporate Bonds para 9.34%, Gold para 8.26% e House Prices para 4.95% (Anexo F).

Uma análise das rentabilidades das várias classes de ativos para os mercados financeiros desde 1926 (tendo como referência o S&P 500) revela que a taxa de inflação anual foi, em média, de 3.0%, enquanto as obrigações de curto prazo do Estado renderam, em média, 3.6% ao ano e as de longo prazo renderam, em média, 5.5%. Contudo, a rentabilidade anualizada das ações foi de 9.9%, pelo que claramente foram o ativo que melhor conservou e rentabilizou o capital (Figura 1). Olhando para o panorama mundial, através do índice MSCI World, nos últimos 45 anos este obteve uma taxa de crescimento anual composta de 10.39%.

Apesar do investimento em ações ser, no longo prazo, a melhor opção de investimento, os cidadãos apresentam uma relutância face a esta classe de ativos. Este trabalho procura explicar o porquê desta relutância.

- Em primeiro lugar, procurar-se-á entender qual o nível de literacia financeira de modo geral e especificamente face ao investimento em ações dos inquiridos.
- Subjacente a este ponto, pretender-se-á entender qual o tipo de exposição face a este investimento;
- De seguida, proceder-se-á a uma análise comportamental que nos permitirá concluir quais os principais vieses cognitivos e comportamentais associados ao tipo de investimento em estudo; e,
- Por fim, serão apresentadas quais as características intrínsecas desta classe de ativos e será defendido, com auxílio das estratégias de investimento Value Investing e Indexação, porque é que o investimento no mercado acionista é a melhor opção de investimento, no longo prazo, e como qualquer indivíduo poderá investir nesta classe sem necessidade de selecionar individualmente ações.

Neste contexto, o objetivo desta dissertação é entender a resistência dos portugueses em relação ao investimento em ações, apesar das evidências de que, no longo prazo, as ações tendem a ser a classe de ativos que melhor preserva e remunera o capital.

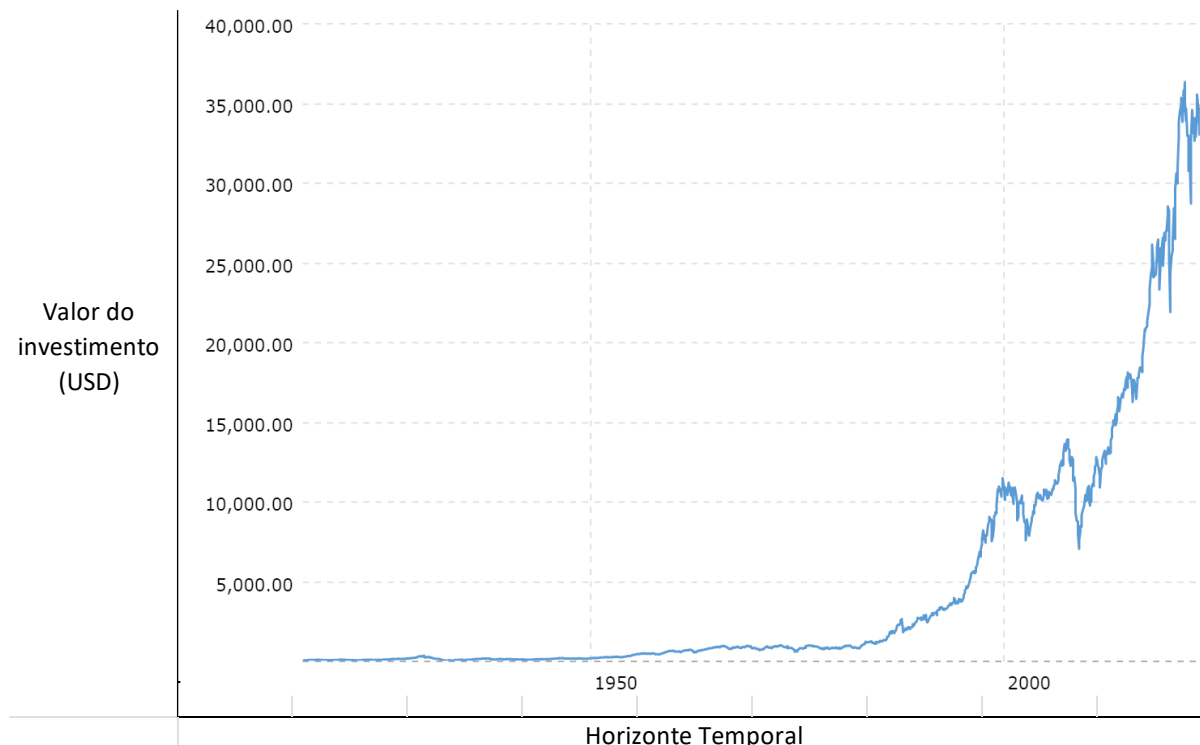


Figura 1 - Retornos (1926-2023) do mercado acionista

(Fonte: <https://www.macrotrends.net/2324/sp-500-historical-chart-data>)

2. Revisão de Literatura

Os investimentos podem ser amplamente categorizados em investimentos reais e financeiros (Hridhya pk & Dr.R. Jayaprakash Reddy, 2020). Os investimentos financeiros incluem depósitos bancários, títulos, ações, instrumentos do mercado monetário, fundos mútuos e apólices de seguro, enquanto os investimentos reais abrangem imóveis e objetos preciosos (Mittal, 2016). As classes de ativos são grupos de investimentos que partilham características semelhantes em termos de risco, retorno e comportamento no mercado. Estes grupos são utilizados para diversificar carteiras e reduzir o risco, sendo a alocação de ativos um dos principais determinantes do desempenho de uma carteira a longo prazo (Brinson, Hood, & Beebower, 1986). As principais classes de ativos incluem ações, obrigações, imobiliário, commodities e ativos alternativos. Cada uma destas classes tem um papel específico na diversificação de carteiras, variando em termos de volatilidade e potencial de retorno.

A escolha da via de investimento depende da tolerância ao risco do investidor e dos retornos esperados (Mittal, 2016).

A alocação de ativos, ou seja, a forma como o capital é distribuído entre diferentes classes de ativos, é essencial para a gestão de risco e para o desempenho a longo prazo de uma carteira. A Teoria do Portefólio Moderno (Markowitz, 1952) postula que os investidores podem atingir uma diversificação eficiente ao combinar ativos com baixa correlação, reduzindo o risco total da carteira sem comprometer os retornos. A pesquisa de Brinson, Hood e Beebower (1986) reforça que a alocação estratégica de ativos tem um impacto maior no desempenho global de uma carteira do que a seleção específica de títulos ou o timing de mercado.

Historicamente, os investidores concentravam-se em classes de ativos tradicionais, como ações e obrigações, devido à sua previsibilidade e papel central nas carteiras diversificadas (Brinson, Hood & Beebower, 1986). Contudo, a crise financeira de 2008 alterou o panorama, levando a uma maior procura por outro tipo de ativos, como obrigações governamentais e ouro, que ofereciam uma suposta maior proteção em tempos de incerteza (Fama & French, 1993).

Nos anos seguintes, com a recuperação económica e o declínio das taxas de juro, o apetite por ativos de maior retorno, como growth stocks e ativos alternativos (private equity e hedge funds), voltou a aumentar (Brière, Burgues & Signori, 2015). A diversificação tornou-se uma prioridade, e a inclusão de ativos com baixa correlação com os mercados tradicionais ganhou relevância.

Mais recentemente, o desenvolvimento de criptoativos e o aumento das preocupações com a inflação, tal como os riscos geopolíticos, têm alterado ainda mais o perfil dos investidores. Classes de ativos como commodities e imobiliário voltaram a ser populares,

proporcionando maior proteção contra a inflação e volatilidade do mercado (Geltner et al., 2007; Gorton & Rouwenhorst, 2006).

Dimson, Marsh e Staunton (2002) mostram que, ao longo do tempo, as ações superam as obrigações e outros ativos em termos de desempenho, apesar da sua maior volatilidade. Em ambientes inflacionários, as ações tendem a oferecer uma proteção superior contra a perda de valor, ao contrário das obrigações, que podem desvalorizar devido ao aumento das taxas de juros (Bodie, Kane & Marcus, 2014). Assim, enquanto as obrigações são vistas como uma opção mais segura e previsível, as ações destacam-se pela sua capacidade de preservar o poder de compra e gerar retornos mais robustos a longo prazo.

Além disso, o mercado de ações tem tido um desempenho positivo, nos últimos anos, independentemente das preocupações com a economia (Sonenshine, J., 2023).

Segundo Mauricas, Ž., Darškuvienė, V., & Tamara Mariničevaitė (2017), o modelo canônico da Teoria do Portfolio de Markowitz, sugere que todas as famílias deveriam deter alguma parte dos seus investimentos em títulos mobiliários com algum grau de risco, a menos que sejam infinitamente avessas ao risco, ou caso considerem que os títulos mobiliários não detenham qualquer prêmio de risco associado (Enow, S. T., 2023).

Num mercado eficiente, é necessário mais risco para aumentar de forma fiável o retorno esperado para uma determinada carteira. No entanto, a Hipótese dos Mercados Eficientes é um estado teórico que não reflete as realidades do mundo real. Evidências empíricas sugerem que, no longo prazo os investimentos em ações apresentam um retorno esperado superior ao retorno de um ativo sem risco e, ainda, verificam que os investidores não têm de se sujeitar a um nível exageradamente elevado de risco (Mehra & Prescott, 2003).

Apesar de, nos últimos cem anos, a rentabilidade das ações ter sido, em média, cerca de 6.3% superior à rentabilidade dos títulos de dívida pública de curto prazo (Mankiw & Zeldes, 1991), os indivíduos cada vez investem menos no mercado acionista (Guiso et al., 2005). Este fenómeno é designado por Stock Market Puzzle (Mehra & Prescott, 1985).

Mehra e Prescott (1985) argumentam que já foram propostas várias explicações para o stock market puzzle, mas nenhuma resolveu totalmente a questão.

Recentemente, a literatura sobre as tendências nos mercados financeiros revela um crescente foco no investimento sustentável, particularmente no contexto das práticas de Governança Ambiental, Social e Corporativa (ESG). Estudos indicam que os investidores estão cada vez mais a considerar critérios ESG nas suas decisões de investimento, com Friede, Busch e Bassen (2015) a concluir que a integração de fatores ESG está frequentemente associada a melhores desempenhos financeiros a longo prazo. Este movimento é impulsionado não somente pela crescente sensibilização face a temas sociais e ambientais, mas também por políticas governamentais que incentivam e promovem

diversas práticas empresariais responsáveis, como regulamentações que incentivam a transparência e a responsabilidade empresarial.

Além de tudo o que foi previamente mencionado, é relevante referir que a digitalização no setor financeiro, incluindo a ascensão de brokers digitais e plataformas de negociação online, tem transformado o comportamento do mercado de ações, facilitando o acesso a informações e a possibilidade de investimento a um público mais amplo. Esta democratização do investimento, combinada com a utilização de tecnologias avançadas para análise de dados, permite que os investidores avaliem melhor os riscos e oportunidades associadas a investimentos sustentáveis (Ackert & Eaves, 2016). Esta combinação de fatores está a transformar o panorama do investimento, promovendo uma abordagem mais responsável e informada, onde a sustentabilidade e a inovação tecnológica desempenham um papel central nas decisões dos investidores.

2.1 Literacia Financeira

Nos últimos anos, tornou-se evidente que decisões e comportamentos financeiros saudáveis são fundamentais para alcançar o bem-estar financeiro (Brüggen et al., 2017, Ladha et al., 2017, Xiao e O'Neill, 2018).

A literacia financeira não é um termo que possua uma definição única, uma vez que depende da perceção pessoal de cada autor. Vários autores têm tentado sistematizar e comparar os diferentes conceitos utilizados sobre o tema, contudo não existe um consenso entre investigadores e organizações (Hung et al., 2009; Hustoun, 2010; Oliver-Márquez et al., 2021, citado por Teles 2022).

Huston (2010) afirma que a definição de literacia financeira contempla quatro categorias principais: conhecimentos básicos de finanças pessoais, investimento/poupança, crédito e seguros.

De acordo com o Banco de Portugal (2011), a literacia financeira vai para além de meros conhecimentos financeiros, englobando também a forma como estes afetam as atitudes e os comportamentos dos cidadãos, no que diz respeito às tomadas de decisões financeiras.

Carita (2016), na sua publicação, faz referência a Schagen e Lines (1996) para apresentar a ideia de que a literacia financeira combina as capacidades de entender conceitos-chaves relacionados com a gestão do dinheiro, conhecimento do funcionamento das instituições, serviços e sistemas financeiros, capacidade de análise e ainda gestão responsável das finanças. Esta operacionalização de literacia financeira inclui duas componentes: Componente cognitiva e componente psicológica (vontade e confiança).

Kadoya & Khan (2020) definem este conceito como o conhecimento sobre o valor do dinheiro e a maximização dos benefícios que este pode providenciar.

A OCDE (2018) apresenta a definição de literacia financeira como uma combinação de consciência, conhecimento, habilidade, atitude e comportamento necessários para tomar decisões financeiras assertivas e, em última instância, alcançar o bem-estar financeiro individual.

A literacia financeira geral é reconhecida como um fator essencial para a tomada de decisões financeiras informadas, mas a literatura destaca que há uma distinção importante entre o conhecimento financeiro básico e o conhecimento avançado e específico sobre o mercado acionista. Estudos como o de Van Rooij, Lusardi e Alessie (2011) demonstram que diversos indivíduos que, dotados de conceitos financeiros gerais, como juros e inflação, não estão necessariamente familiarizados com temas específicos do mercado de ações, como a diversificação e a gestão do risco. Esta lacuna no conhecimento avançado e específico pode explicar o porquê de vários investidores evitarem o mercado acionista, mesmo tendo um razoável nível de literacia financeira geral, preferindo, desta feita, opções de investimento mais conservadoras.

Na mesma linha de raciocínio, Yoong (2011) salienta que a falta de literacia específica sobre o mercado financeiro leva muitos indivíduos a não compreenderem os riscos e as respetivas oportunidades, resultando numa baixa participação no mercado acionista.

Do igual modo, Lusardi e Mitchell (2014) reforçam esta visão, argumentando que a literacia financeira avançada, que inclui o entendimento profundo sobre volatilidade, retornos ajustados ao risco e o comportamento do mercado acionista, é necessária para uma participação eficaz no mercado de capitais. Clark, Lusardi e Mitchell (2017) complementam esta análise, destacando que a educação financeira contínua é fundamental para garantir que os investidores compreendam as complexidades do investimento em ações, indo para além do conhecimento financeiro básico. Estes estudos sublinham que a literacia financeira específica e avançada é um pré-requisito para que os indivíduos possam investir de forma segura e informada no mercado acionista, o que demonstra que a literacia geral, por si só, não é suficiente para ser-se bem sucedido no mercado de ações.

2.2 Perfil de Risco do Investidor

Segundo Pak & Mahmood (2015), as decisões de investimento tomadas pelos investidores dependem em grande medida da sua tolerância ao risco. Compreender a tolerância ao risco para os investidores é importante, uma vez que ajuda a determinar os parâmetros de risco e retorno das carteiras de investimento, que permitem aos investidores tomarem decisões sustentáveis (Wong & Carducci, 2013).

O perfil de risco de um indivíduo é construído considerando várias características diferentes, incluindo a situação financeira, a experiência prévia com investimentos, a

tolerância ao risco, o horizonte temporal do investimento e os respectivos objetivos do investimento, entre outros fatores (De Bortoli D; da Costa N Jr; Goulart M & Campara J, 2019).

Os fatores de personalidade parecem ter um impacto na tolerância ao risco de um indivíduo, o que, por sua vez, influencia as decisões de investimento sobre ações e títulos (Pak & Mahmood, 2015).

A tolerância ao risco financeiro refere-se à propensão de um indivíduo em aceitar as mudanças negativas no valor do investimento ou um resultado adverso, diferente do esperado (Grable & Lytton, 1999, Kannadhasan, 2015)

De acordo com Fisher e Yao (2017), em mercados eficientes, os investidores podem esperar retornos mais elevados face a um nível superior de risco. Yao, Hanna e Lindamood (2004), assim como Neelakantan (2010), corroboram essa visão, salientando que investidores com uma maior tolerância ao risco tendem a optar por ativos mais voláteis, como ações, com o objetivo de maximizar os retornos a longo prazo.

Por outro lado, Neelakantan (2010) argumenta que os investidores com um menor nível de tolerância ao risco exigem uma compensação adicional, como um prêmio de risco, para aceitarem a incerteza inerente a investimentos com rendimentos variáveis.

No seu estudo, Batista (2022) cita Pak e Mahmood (2015) para referir que os investidores dividem os indivíduos em três grupos diferentes quanto ao seu perfil de risco: aqueles que são avessos ao risco, os que são neutros ao risco e os amantes do risco.

Os investidores avessos ao risco tendem a priorizar a preservação do capital, evitando incertezas e optando por investimentos mais seguros, como obrigações e depósitos a prazo, mesmo que isso implique retornos mais baixos (Kahneman & Tversky, 1979). Este comportamento reflete-se, frequentemente, em decisões que visam minimizar perdas potenciais, mesmo que à custa de oportunidades de ganho, evidenciando uma menor tolerância ao risco (Grable & Lytton, 1999).

Por outro lado, os investidores neutros ao risco procuram equilibrar os riscos e os potenciais retornos. Para este grupo, as decisões de investimento são guiadas por uma análise racional dos trade-offs entre risco e recompensa, sem uma preferência determinante pela segurança ou pelo risco excessivo (Hanna & Lindamood, 2004). Para os elementos desse grupo, a sua abordagem é frequentemente associada à diversificação de carteiras, onde optam por englobar ativos de maior e menor risco para alcançar um equilíbrio que corresponda aos seus objetivos financeiros (Markowitz, 1952).

Por fim, os amantes do risco, como sugerido por Pak e Mahmood (2015), são aqueles que estão dispostos a assumir riscos significativos na esperança de obter retornos elevados. Este grupo de investidores tende a concentrar-se em ativos de alta volatilidade, como ações de crescimento ou investimentos especulativos, acreditando que o potencial retorno supera a incerteza associada (Fisher & Yao, 2017). A literatura mostra que este perfil é menos

comum, mas pode ser encontrado em investidores mais jovens ou em indivíduos com uma maior capacidade financeira para suportar perdas (Neelakantan, 2010). No entanto, a procura por retornos elevados pode, por vezes, resultar em decisões impulsivas, como a tomada de riscos excessivos em períodos de euforia de mercado, o que pode prejudicar o desempenho financeiro a longo prazo (Barberis & Huang, 2001).

2.3 Investimento em ações

Uma ação é um título que representa a propriedade de uma fração da empresa emissora. As unidades de participação são chamadas ações, o que dá ao proprietário o direito a uma proporção dos ativos e lucros da empresa igual à quantidade de ações que possui. O valor intrínseco de uma ação não está relacionado com o seu preço (Graham, 1949).

O Center for Research in Security Prices da Universidade de Chicado, retrocedeu até 1926 para calcular os retornos médios do mercado acionista. De 1926 a 2016, o mercado, representado pelo S&P 500 (índice de mercado) remunerou o capital com um retorno médio anual aproximado de 10% (Bogle, J., 1999). Até 2023, o valor mantém-se semelhante, aproximando-se dos 10%.

A investigação sugere que as ações historicamente têm superado os retornos do mercado imobiliário (Ibbotson, 1976; Miller, 2000).

Com o estudo efetuado por Janus Capital (2018), observa-se que, no mesmo período, o setor imobiliário apresentou um retorno médio anual de 8.3%, e as obrigações 5.5%.

As ações são amplamente reconhecidas como ativos financeiros voláteis, especialmente no curto prazo. A volatilidade refere-se à variação nos preços das ações, e essa característica pode ser intensificada por diversos fatores, como notícias económicas, mudanças políticas, e eventos imprevistos no mercado (Fama, 1970). Em períodos de incerteza, os preços das ações podem experimentar flutuações significativas, levando a um aumento na volatilidade (Black & Scholes, 1973).

A volatilidade das ações no curto prazo pode ser desafiadora para investidores com aversão ao risco. Esses investidores preferem evitar perdas e tendem a evitar investimentos que apresentem alta incerteza nos retornos. Segundo a Teoria da Utilidade Esperada, os investidores avessos ao risco preferem a certeza a uma expectativa de retorno maior, mas com um risco associado (von Neumann & Morgenstern, 1944).

A perspetiva de comprar e manter (buy and hold), por um largo horizonte temporal, será o melhor investimento que se poderá fazer nesta classe de ativos. Existe uma área de oportunidade de longo-prazo no mercado acionista (Person, J. L., 2012).

O investimento de longo prazo em ações parece ser o fator-chave para o sucesso no mercado de ações, independentemente do mercado (Spaht, C., & Rubin, H., 2016)

Dimson, Elroy (2002) refere que os investidores extrapolam demasiadas vezes a partir da experiência recente. Na década de 1950, quem, senão o mais otimista desenfreado, teria sonhado que, nos próximos cinquenta anos, o retorno real das ações seria, em média, de 10% ao ano? No entanto, foi o que aconteceu nos EUA, no mercado de ações. Os otimistas triunfaram.

A literatura demonstra a existência de uma forte correlação entre as fases do ciclo económico e o desempenho das ações. Fama (1981) sugere que o mercado de ações atua como um indicador avançado da economia, antecipando mudanças nas condições económicas. Durante períodos de expansão, o crescimento económico e o aumento dos lucros das empresas tendem a impulsionar os preços das ações, enquanto, por outro lado, em fases de recessão, a incerteza económica e a descida dos lucros resultam numa queda nos mercados acionistas (Schwert, 1989). O mesmo autor também refere que os retornos do mercado são geralmente mais voláteis durante as recessões, uma vez que os investidores exigem prémios de risco mais elevados para compensar a incerteza acrescida.

Porém, independentemente das flutuações de curto prazo provocadas pelos ciclos económicos, a evidência empírica sugere que, a longo prazo, as ações tendem a valorizar-se, recompensando os investidores com uma visão de longo prazo (Fama & French, 1989; Chen et al., 1986).

2.4 Vieses Cognitivos associados ao investimento

O termo "viés" é interpretado de diferentes maneiras na literatura. Maioritariamente, é considerado como uma crença irracional que influencia a capacidade de tomar uma decisão específica, baseada apenas em factos e evidências (Schwenk, 1986; Busenitz and Barney, 1997; Das and Teng, 1999; Simon et al., 2000, citado por Acciarini, C., Brunetta, F., & Boccardelli, P., 2021).

Alves (2014) referenciou que as finanças comportamentais tentam identificar os enviesamentos cognitivos e emocionais que afetam os investidores na tomada de decisão, e que provocam um comportamento diferente do previsto em relação aos princípios da racionalidade completa.

Por um lado, os indivíduos têm limitações cognitivas que, conjugadas com a enorme e diversa quantidade de informação existente, leva a que a tomada de decisão seja feita tendo em conta essas limitações, afastando-se assim das regras estabelecidas pelo modelo racional (Lobão, 2012).

No entanto, Loewenstein et al. (2001) referem que as emoções podem ter um papel relevante, e influenciar a tomada de decisões, neste caso financeiras, uma vez que estas decisões são complexas e envolvem fatores como o risco e a incerteza.

Kahneman (2003) destacou que, no âmbito da literacia financeira, as decisões financeiras dos indivíduos podem ser impactadas por vieses cognitivos e heurísticas, resultando em escolhas nem sempre racionais.

Tversky & Kahneman (1973) identificam as três principais heurísticas, que influenciam a tomada de decisão: heurística da disponibilidade, heurística da representatividade e heurística da ancoragem.

Souza (2019) afirma que, com base nos estudos de Tversky e Kahneman, é possível identificar uma lista de vieses comportamentais, que contradizem e explicam as falhas na ideia de que o investidor é altamente racional e, simultaneamente, desafia as próprias premissas dos modelos de finanças clássicos, como a Teoria de Portfólio proposta por Markowitz (1952, 1959), a Hipótese de Eficiência dos Mercados de Capitais (HEM) proposta por Famá (1970) e o Modelo de Precificação de Ativos Financeiros (CAPM) desenvolvido inicialmente por Sharpe (1963, 1964).

As finanças comportamentais propõem que o processo de tomada de decisão nos investimentos é influenciado por vários vieses comportamentais que levam os investidores a desviar-se da racionalidade e tomar decisões de investimento irracionais (Niehaus & Shrider, 2014). Assim, a racionalidade dos investidores é continuamente comprometida por fatores cognitivos e emocionais (Tversky, A., & Fox, C. R., 1995).

Segundo Sourirajan, S., & Perumandla, S. (2022), os seres humanos não se comportam de modo a maximizar a utilidade cognitiva, exibindo, deste modo, uma variedade de vieses, como o confirmatório, a aversão à perda e ao risco, ancoragem, comportamento de em rebanho, e muitos outros (Baker e Nofsinger, 2002; Baddeley, 2010; Goetzmann et al., 2015).

Para além destes vieses, também o viés de curto-prazo assume extrema importância, sendo a tendência dos seres humanos abdicarem das suas preferências futuras, em prol de gratificação imediata, isto é, no curto prazo (Thaler & Shefrin, 1981).

- Viés Confirmatório – Segundo Montier (2002), este viés assenta na falha de procura de factos ou opiniões que contradigam as ideias dos investidores. O viés de confirmação, ou confirmatório, refere-se à predileção humana em favorecer inconscientemente informações que apoiam as suas crenças existentes, levando à rejeição de informações que contradigam essas crenças. Naturalmente, isso faz com que os indivíduos enfatizem experiências passadas, que apoiem as suas visões atuais e, simultaneamente, ignorem, eventos e experiências que contradigam essas mesmas visões e crenças. (Cilley, N., & Pearson, B., 2022);
- Viés de Aversão à Perda e ao Risco – Uma razão importante pela qual as pessoas se desviam da utilidade esperada é a aversão a perdas: as pessoas interpretam os resultados como ganhos e perdas, em relação aos pontos de

referência, e são mais sensíveis às perdas do que aos ganhos absolutos proporcionais (Abdellaoui, Mohammed, Han Bleichrodt, and Corina Paraschiv, 2007). As perdas são psicologicamente mais significativas do que os ganhos equivalentes. A aversão ao risco, por sua vez, é a tendência dos indivíduos preferirem opções que envolvam menor risco, mesmo que isso implique um menor retorno potencial (Kahneman, D., 2003);

- Viés de Ancoragem – O efeito de ancoragem é um fenômeno psicológico em que os juízos ou processos de tomada de decisão de um indivíduo são influenciados por um ponto de referência, que poderá ser completamente irrelevante para o contexto em questão (Kahneman, D., 2003);
- Viés de Comportamento em Rebanho – Pode ser definido como o fenômeno em que os indivíduos decidem seguir os outros, imitando, deste modo, os comportamentos de grupo, em vez de decidirem de forma independente e autônoma com base na sua própria racionalidade, informação e conhecimento. (Baddeley M., 2010); e,
- Viés de Curto-Prazo – Munger (2005), apresenta este conceito como a tendência a preferir a gratificação imediata à gratificação diferida. No mercado acionista, as pessoas não conseguem ignorar a volatilidade de curto-prazo e focar-se nos retornos a longo-prazo. Com o viés de curto-prazo, os indivíduos atribuem um peso demasiado elevado ao curto prazo, e demasiado baixo ao longo prazo. A ingenuidade sobre este viés pode explicar ainda mais os comportamentos inconsistentes dos indivíduos (Wang, Y., & Sloan, F. A., 2018).

Como resultado, os investidores perdem, continuamente, dinheiro no mercado de ações (Barber et al., 2006).

2.5 Value Investing

O Value Investing, investimento em valor em português, é uma estratégia de investimento originalmente identificada e cunhada, entre 1920 e 1930, por Benjamin Graham e David Dodd. Desde esse período, esta abordagem tem sido desenvolvida e aprimorada por um notável grupo, ainda que pequeno, de investidores. Os investidores que merecem maior destaque são Warren Buffett e Charlie Munger (Greenwald, 2020).

Lu (2013), afirma que apenas existem 4 conceitos que, atualmente, definem o investimento em valor. Benjamin Graham, mentor de Warren Buffett, desenvolveu os primeiros 3 conceitos. O último é uma contribuição única de Warren Buffett:

- Uma ação é parte de uma empresa. Não é apenas um título negociável em bolsa. Investir numa determinada ação significa investir na empresa, e por consequência no negócio subjacente. Deveremos ter em consideração a situação financeira da empresa, através de uma análise fundamental da mesma, mas, também considerar critérios qualitativos para entendermos a sua evolução (Samaras, G. D., & Matsatsinis, N. F., 2004);
- O mercado acionista tem como principal propósito servir os investidores e não instruí-los. O mercado apenas providencia o preço de cada ação, não confere qualquer indicação relativamente ao valor da mesma;
- A natureza do investimento é prever o futuro. No entanto, a previsão é inerentemente imprecisa. Deste modo, devemos assegurar uma margem para os nossos erros de julgamento, conhecida como a margem de segurança. Os investidores deverão assegurá-la sempre que possível, garantindo que o preço de compra seja muito inferior ao valor intrínseco da empresa. Os investidores aplicam uma margem de segurança, o que significa que o preço pago pelo título está abaixo do valor intrínseco do negócio (Nettayanun, S., 2017); e,
- Os investidores deverão manter-se dentro do seu círculo de competências, apenas investindo em ativos que entendem e sobre os quais têm conhecimento sólido. O verdadeiro risco do investimento está em ultrapassar o respetivo círculo de competências (Lu, 2003).

Munger (2005) defende que todo o investimento inteligente é investimento em valor, devendo sempre adquirir mais valor face ao preço que se paga no mercado mobiliário. É fundamental avaliar e entender o negócio para poder avaliar a respetiva ação.

Graham (1949) refere que, no curto prazo, o mercado é uma máquina de votação, mas no longo prazo, é uma balança. Significando isto que, o horizonte temporal de investimento, no value investing, deverá ser o longo prazo.

O desempenho desta estratégia de investimento é robusto para todas as condições económicas, o que significa que os investidores estarão melhor a investir de acordo com os seus princípios (Seung-Woog Kwag, & Lee, S. W., 2006).

Além disso, os investigadores também encontraram evidências de que as carteiras que aplicam esta filosofia de investimento (value investing) superam quer o mercado, quer as carteiras compostas por growth stocks (Nettayanun, S., 2017).

As razões para o desempenho superior do investimento em valor, no entanto, são controversas. Alguns investigadores atribuem os retornos mais altos ao maior risco das ações, outros, no entanto, argumentam que as grandes recompensas do investimento em

valor derivam de vieses cognitivos subjacentes ao comportamento do investidor (Louis K.C. Chan & Josef Lakonishok, 2004).

2.6 Indexação e Dollar Cost Averaging

Diversos estudos demonstram que a maior parte dos gestores de fundos de investimento, especialmente aqueles que utilizam estratégias ativas, tende a apresentar retornos inferiores ao S&P 500 no longo prazo (Malkiel, 2003; Fama & French, 2010).

A indexação representa um cálculo matemático derivado de uma carteira de títulos que não estão sujeitos às mesmas fricções de mercado. A indexação visa proporcionar os retornos e o risco do índice de referência subjacente. Teoricamente, a gestão das carteiras dos índices é simples, exigindo investimento em todos os títulos do índice constituinte exatamente na mesma proporção que o índice de referência subjacente, chamada estratégia de replicação total (Frino, A., & Gallagher, D. R., 2001).

Bogle (2018) defende que decidir evitar a complexidade e confiar na simplicidade, proporcionará melhores retornos no longo prazo. Os investidores individuais não deveriam desperdiçar o seu tempo e dinheiro a selecionar ações individuais, ou fundos mútuos ativamente geridos. Em vez disso, deverão apostar na indexação.

Greenwald, B. (2020) defende que o S&P 500, índice de referência no mercado, tem um histórico de longo prazo de desempenho superior a outras classes de ativos, incluindo obrigações, imóveis e commodities, apresentando retornos médios anuais de 10% ao ano.

Os Exchange Traded Funds (ETFs) são fundos de investimento abertos que têm como objetivo replicar o retorno e o risco do seu índice de referência (Gastineau 2001; Neves et al. 2019; Tsolas 2022, citado por Henriques, C. O., Neves, M. E., Conceição, J.,A., & Vieira, E. S. 2023).

Dollar Cost Averaging (DCA) é uma estratégia para a adquirir títulos de capital (ações), que é amplamente recomendada. A estratégia consiste no investimento periódico de uma quantia fixa, numa determinada ação, carteira ou índice, a cada período durante um determinado intervalo de tempo. Por exemplo, um investidor que deseja investir 10.000€ numa ação, pode ser aconselhado a investir 1.000€ por mês, durante dez meses. A grande vantagem do DCA é a de que o investidor compra ações a um preço médio, evitando assim o market timing (Brennan, M. J., Li, F., & Torous, W. N. , 2005).

Investir no mercado de ações não exige necessariamente a compra de ações individuais. Muitos investidores preferem diversificar os seus portfólios através de fundos de índice ou fundos mútuos, que oferecem exposição a um conjunto de ações, minimizando o risco específico de empresas individuais. De acordo com Sharpe (1991), os fundos de índice

proporcionam uma forma eficiente de obter retornos ajustados ao risco, uma vez que replicam o desempenho de um índice de mercado e não exigem a escolha de ações individuais.

A diversificação, facilitada por produtos como os ETFs, permite ao investidor reduzir o risco idiossincrático, ou seja, o risco associado a uma única empresa, mantendo uma exposição mais ampla ao mercado como um todo (Markowitz, H. M., 1952).

Rooij, Lusardi e Alessie (2011) apontam que muitos investidores não compreendem completamente o funcionamento de produtos de investimento como os fundos de índice. Os autores sugerem ainda que a baixa literacia financeira está diretamente associada à baixa participação no mercado acionista por meio de veículos diversificados, como os fundos de índice. Isto sugere que o conhecimento limitado sobre os referidos instrumentos de investimento é uma barreira significativa para que os indivíduos tirem pleno proveito de estratégias de diversificação passiva.

2.7 Stock Market Puzzle

O stock market puzzle é um fenómeno complexo, para o qual contribuem inúmeros fatores (Selten R., & Neugebauer, T., 2014).

Diversos fatores contribuem para a relutância das pessoas em investir em ações. Brown (2018) identifica a falta de literacia financeira, a baixa perceção do prémio de risco associado, e a inércia, como razões-chave. Haliassos (1995) e Chan (2010) destacam o papel da inércia, sendo que este último também observa o impacto da experiência passada de investimento.

A investigação demonstra-nos que a classe de ativos mencionada, no longo prazo, tem superado, em termos de rentabilidades médias anuais, outras classes de ativos, tais como o imobiliário ou as obrigações (Ababio, 2020; Leibowitz, 1988).

No entanto, apesar de melhores rentabilidades históricas, muitos investidores apresentam uma grande aversão ao investimento em ações, frequentemente motivada pelo medo de perdas e pela volatilidade do mercado. Segundo Shiller (2000), essa aversão é exacerbada por preconceitos comportamentais e pela falta de literacia financeira, levando os investidores a optarem por ativos considerados mais seguros, como obrigações ou imóveis, mesmo que isso signifique sacrificar retornos superiores a longo prazo.

3. Metodologia

Um dos principais objetivos desta dissertação é identificar e entender os motivos para a iliteracia financeira no que diz respeito ao investimento em ações.

Para tal, foi adotada uma abordagem metodologicamente abrangente, integrando métodos quantitativos e qualitativos. Isto é, foi utilizada uma metodologia mista.

A pesquisa quantitativa incidiu na recolha de dados quantitativos de fonte secundária.

Para a abordagem qualitativa foram realizadas entrevistas de profundidade semiestruturadas, apoiadas num guião, que garantiu a recolha de informações sobre a literacia financeira dos entrevistados e sobre a sua predisposição e exposição, face ao investimento em ações. Posteriormente, de modo complementar, foi desenvolvida uma estrutura que nos permite mitigar o problema estudado.

O guião da entrevista realizada pode ser consultado no Anexo B. Cada entrevista teve a duração aproximada de 7 minutos, sendo composta por 5 partes: Parte 0 - Perfil do Inquirido; Parte 1 – Entendimento da capacidade de gestão de finanças pessoais; Parte 2- Quiz de Literacia Financeira; Parte 3- Questionário de Resposta Fechada relativamente à classe de ativos das ações; e, Parte 4- Questionário de Resposta Aberta relativamente à classe de ativos das ações.

Na parte 0 o principal objetivo é recolher informações demográficas e socioeconómicas do inquirido, como a idade, género, nível de habilitações literárias, situação profissional e salário e rendimento líquido anual. Estes dados ajudam a contextualizar as respostas fornecidas nas secções subsequentes.

Na parte 1, o objetivo é avaliar como o inquirido gere os seus rendimentos, especialmente em relação à distribuição entre investimento e poupança. As perguntas focam-se em temas como a percentagem dos rendimentos destinada a diferentes finalidades (poupança e investimento), a escolha de classes de ativos, e a confiança na gestão da sua carteira por profissionais. Pretendeu-se entender o nível de conhecimento e a segurança do inquirido na tomada de decisões financeiras, assim como as suas opiniões sobre a alocação ideal de capital entre poupança e investimento.

O Score Final, obtido na Parte 2 através de um quiz com cinco questões de escolha múltipla, onde cada questão vale 1 valor, serve como um indicador preciso do nível de conhecimento dos participantes sobre os conceitos básicos de literacia financeira, que não se limitam ao mercado acionista. Na parte 3, foi possível obter um indicador mais preciso de conhecimentos específicos dos inquiridos face à classe das ações.

Por fim, na parte 4, foi possível recolher opiniões detalhadas sobre as ações como classe de ativos, explorando a experiência do respondente, a sua estratégia temporal de investimento (curto, médio ou longo prazo) e a perceção do conhecimento geral sobre este

tipo de investimento, bem como verificar se há interesse em aprofundar o conhecimento sobre o tema.

Os dados recolhidos nas entrevistas foram organizados em folhas de cálculo Excel, e para o tratamento e análise dos resultados do referido inquérito, foram aplicados métodos qualitativos. Os dados foram exportados para o Power BI, onde desenvolvemos um Dashboard com três ecrãs, que nos permitiram uma análise dos dados mais minuciosa e rigorosa.

Para realizar uma análise mais aprofundada dos dados, foi desenvolvido um Dashboard em Power BI, concebido para explorar diferentes dimensões da análise. Esta abordagem permite uma visualização clara e intuitiva das informações, facilitando a interpretação dos resultados.

Este Dashboard é composto pelos seguintes ecrãs: 1- Overview; 2- Análise Perfil de Investimento e Literacia Financeira; e, 3- Análise Experiência Passada em Ações.

No ecrã Overview, é possível obter uma visão holística do perfil dos investidores, analisando variáveis demográficas como a faixa etária, o género, o nível de rendimento, as habilitações literárias e a profissão atual. Além disso, este ecrã permite igualmente compreender as preferências de investimento e gestão de finanças pessoais dos inquiridos. Desta forma, identificámos padrões comportamentais, segmentando o mercado, o que nos possibilita uma análise mais precisa.

No ecrã Análise Score Final pretendemos analisar a relação entre a variável “Score Final” (métrica para o nível de Literacia Financeira) e as restantes variáveis explicativas, através de gráficos de barras empilhadas. Estes gráficos permitem que realizemos análises bivariadas.

No ecrã Análise de Experiência em Ações, focamo-nos exclusivamente nos respondentes que possuem experiência prévia no mercado acionista, enquanto investidores. Através de gráficos circulares e barras empilhadas, procurámos identificar correlações e/ou fatores que diferenciem este grupo dos restantes.

3.1 Desenvolvimento da estrutura

De modo complementar a este estudo, foi desenvolvida uma ferramenta que sugere ao potencial investidor uma possível alocação do seu capital, exclusivamente em ações. Na Figura 2 observamos o output do Simulador Financeiro, e na figura 3 observamos o Almanaque do Investimento em Ações.

RELATÓRIO

Mauro Afonso,

Com base nas suas informações, apresenta uma taxa de poupança de 79.17%.

Apresenta um valor de poupança mensal satisfatório. Espero que permaneça para o longo prazo.

Aconselho a todos que, antes de qualquer investimento, disponham de um fundo de emergência que vos permita cobrir cerca de 6 meses de despesas, caso ocorra algum cenário inesperado. Isto será benéfico pois, se tal acontecer, não serão forçados a vender as vossas posições no curto prazo.

Antes de investirem em qualquer ação e/ou fundo, recomendo vivamente que leiam:

[O ALMANAQUE DO INVESTIMENTO EM AÇÕES.](#)

Este documento procura, de forma simples e objetiva, abordar e explicar os principais temas relevantes associados ao mercado das ações. Recomendo também que leiam as [informações úteis.](#)

Com base nos dados fornecidos, eis a minha recomendação para alocação percentual do seu capital:

NASDAQ 100	S&P 500	MSCI WORLD
44%	44%	12%

Recomendo sempre que procure maximizar o montante inicial investido e nunca abdique dos reforços mensais.

Na sua situação, a alocação sugerida seria:

	NASDAQ 100	S&P 500	MSCI WORLD
Montante Inicial	792€	792€	216€
Reforço Mensal	45.83€	45.83€	12.50€

“NOS INVESTIMENTOS EM AÇÕES NÃO É PRECISO FAZER COISAS EXTRAORDINÁRIAS PARA OBTER RESULTADOS EXTRAORDINÁRIOS. O SIMPLES RESULTA.” – WARREN BUFFETT

Figura 2 - Relatório do Simulador Financeiro (Fonte: Elaboração Própria)

O ALMANAQUE DO INVESTIMENTO EM AÇÕES

O que é uma Ação?
Uma ação é uma unidade de propriedade de uma empresa. Quando compramos ações de uma empresa, adquirimos uma participação no capital social dessa empresa, tornando-nos acionista. Se uma empresa tiver 1.000 ações e nós possuímos 100 ações, significa que somos donos de 10% do negócio.

O que dita o preço de uma Ação?
O preço de uma ação é determinado por uma combinação de fatores que refletem a oferta e a procura no mercado, bem como as percepções e expectativas dos investidores em relação à empresa e ao mercado como um todo.
Existem diversos fatores não relacionados com o negócio que podem impactar o preço da ação.

Volatilidade representa Risco?
Quando as pessoas nos dizem que no mercado bolsista "tudo pode cair de um dia para o outro", apesar da ingenuidade com que o afirmam, referem-se à volatilidade existente. Isto é, as oscilações de preços.
Como vimos, quando compramos uma ação compramos parte de um negócio. Assim, todo e qualquer risco estará relacionado com a qualidade do negócio e não com a variação diária do seu preço.

Fundamental – Horizonte Temporal
Ainda que, no curto prazo as ações estejam associadas a alguma volatilidade, no longo prazo, tal como vimos acima, o preço destas tende a acompanhar os lucros da empresa. Basta escolhermos um excelente negócio, comprá-lo a preços sensatos e esperar.
É fundamental que mantenhamos esta ideia quando investimos: o investimento em ações deverá ser para o longo prazo.

O que sabemos sobre Ações?
No longo prazo, como mostra o gráfico, entre 1995 e 2023, observamos que o preço de uma ação tende a refletir os lucros de uma empresa. Ou seja, quanto melhor estiver o negócio inerente à empresa - refletindo-se nos seus lucros, estabilidade econômica, balanço sólido, entre outros indicadores – melhor estará o preço da ação!

Mas atenção!
No curto prazo, o preço de uma ação é extremamente imprevisível e volátil. Ninguém sabe que o mercado irá fazer daqui a um dia, um mês, ou um ano. Sabemos, no entanto, que no longo prazo, o mercado tende a refletir os lucros da empresa.
Quanto melhor for o desempenho da empresa, melhor será o desempenho da ação.

RETORNO MÉDIO ANUAL DAS AÇÕES NOS ÚLTIMOS 100 ANOS
10%

"Só se olharmos para além da multidão do curto prazo, poderemos esperar fazer melhor que os demais."
– Nick Sleep

O que considerar como um bom retorno e a maravilha do Juro Composto
Em média, nos últimos 100 anos, a classe das ações obteve retornos médios anuais a rondar os 10%. Assim, devemos considerar satisfatório todo e qualquer retorno igual ou superior a este.
Peguem num exemplo prático: Decidiu investir 10.000€ num determinado produto financeiro com rentabilidade anual média de 10%. Com o passar dos anos, eis os resultados obtidos:

ANO	1	2	3	4	20	30	40	50
VALOR (€)	11 000	12 100	13 310	14 641	67 275	174 494	452 592	1 173 909

Atenção! Isto não quer dizer que todos os anos obtemos retornos de 10%!
O que isto representa é o retorno anual obtido, em média.

Como encontrar algo com retornos médios anuais a rondar os 10%?
Contrariamente ao que a maioria pensa, para obter estes retornos não é necessário investir individualmente em ações. Então, a solução para o investidor comum deverá passar pela indexação.

O que é a Indexação?
A indexação é como comprar uma "cesta" de ações que representa todo o mercado ou um setor específico.
Ao investir num fundo que replique o índice escolhido, estamos automaticamente a comprar um bocadinho de todas as empresas que fazem parte desse índice. Assim, ao diversificarmos minimizamos, na teoria, o risco associado à escolha de empresas individuais

Dollar-Cost-Averaging (DCA)
Estratégia de investimento na qual investimos uma quantia fixa regularmente (por exemplo, mensalmente) num ativo, independentemente do preço do ativo naquele momento.

Exemplo DCA
- Montante Inicial: 5.000€
- Reforços Mensais: 150€
- Horizonte Temporal: 30 anos
- Retorno Anual Médio: 10%

Qual o Índice a Escolher?
Existem diversos índices, podemos escolher um índice que replique um determinado setor (tecnológico, automóvel), uma determinada região ou país (Europa, Ásia, América, Portugal, Espanha). Atualmente, existem índices para todos os gostos. No entanto, o índice de referência utilizado no mercado acionista é o **S&P500**. Existem outros relevantes, porém este é aquele pelo qual a maioria se segue.

NOS ÚLTIMOS 10 A 15 ANOS 90% DOS PROFISSIONAIS OBTIVERAM RETORNOS INFERIORES AOS DO S&P 500!

S&P 500
Índice que reúne as 500 maiores empresas listadas nas principais bolsas de valores dos Estados Unidos, oferecendo uma visão geral do desempenho do mercado de ações norte-americano.
Retorno Médio Anual:
10 anos: +12.6%
20 anos: +9.8%
50 anos: +11.46%
Rentabilidades passadas não garantem rentabilidades futuras, mas permitem-nos uma análise factual da performance desta classe de ativos nos últimos anos.

MSCI WORLD
Índice que agrega as principais empresas de média e grande dimensão dos principais 23 países desenvolvidos.
Retorno Médio Anual:
10 anos: +11.9%
20 anos: +9.1%
50 anos: +8.5%
O MSCI World é geralmente considerado mais conservador que o Nasdaq 100 e o S&P 500 devido à sua maior diversificação geográfica e setorial, apresentando assim retornos ligeiramente inferiores.

NASDAQ 100
Índice composto pelas 100 maiores empresas não financeiras listadas na bolsa Nasdaq. É frequentemente usado como um indicador do desempenho do mercado de tecnologia.
Retorno Médio Anual:
10 anos: +18.6%
20 anos: +14.5%
39 anos: +11.0%
O NASDAQ 100 foi apenas criado em 1985.

? SABIAS QUE...

Se há 20 anos tivesse investido 1 000€ hoje teria...

	NASDAQ	MSCI	SP 500
15 000€	5 708€	6 487€	

A NOSSA CHECKLIST

- Saber aquilo em que estamos a investir: Uma ação é parte de um negócio. O seu preço, no longo prazo, tende a refletir os seus lucros;
- Não dar importância à volatilidade no curto prazo, manter o foco no horizonte temporal do investimento: longo prazo;
- Reconhecer que é muito difícil selecionar ações individuais e optar por índices. Assim, em vez de sermos donos de apenas um negócio, somos donos de pequenas partes de diversos negócios;
- Escolher um índice global diversificado (um dos 3 apresentados). Mensalmente, independentemente do seu preço, reforçar o índice. Manter esta estratégia durante 20 ou 30 anos; e,
- Acreditar na estratégia, ter paciência e NUNCA interromper o juro composto.

"NOS INVESTIMENTOS EM AÇÕES NÃO É PRECISO FAZER COISAS EXTRAORDINÁRIAS PARA OBTER RESULTADOS EXTRAORDINÁRIOS. O SIMPLES RESULTA."
– WARREN BUFFETT

Figura 3 - Almanaque do Investimento em Ações (Fonte: Elaboração Própria)

Esta estrutura, denominada “Simulador Financeiro” consiste em duas etapas: Na primeira, o investidor é obrigado a responder a um conjunto de questões que nos permitem entender o seu perfil geral enquanto investidor, bem como as suas despesas e rendimentos mensais (Anexo C).

Após este passo, o algoritmo, desenvolvido por mim, analisa e submete um relatório final ao utilizador onde é apresentada, de modo simples e prático, uma possível alocação do seu capital (Figura 2). Dentro do relatório final, encontra-se um documento denominado “O Almanaque do Investimento em Ações” (Figura 3), que tenciona esclarecer e educar o investidor relativamente aos principais temas relacionados com esta classe de ativos. O Simulador tem ainda um documento com informações úteis aos investidores (Anexo D). Para controlo de registos, foi também criada uma página de controlo que atua como base de dados, permitindo arquivar tanto os dados fornecidos pelos utilizadores como os relatórios personalizados gerados automaticamente pelo algoritmo (Anexo E).

Este simulador pretende dar resposta à evidente falta de literacia financeira no que concerne ao mercado acionista e, de igual modo, sugerir uma potencial alocação de capital nesta classe de ativos, evitando exposição a ações individuais, diminuindo o risco percecionado pela maioria dos investidores não profissionais quando confrontados este mercado.

Tendo em consideração o âmbito do desenvolvimento desta estrutura, é importante referir que esta não se trata do aconselhamento financeiro, mas sim uma possível sugestão de investimento em ações, não dispensando o estudo e conhecimento autónomo do investidor.

3.2 Alocação de Capital Sugerida

Como previamente mencionado, a maioria dos gestores de fundos não consegue obter, a longo prazo, rentabilidades superiores ao índice de referência S&P 500. A S&P Global publica os seus scorecards SPIVA (S&P Indices Versus Active) duas vezes por ano, e estes comparam o desempenho dos fundos ativos (após taxas e comissões) com os índices de referência relevantes da S&P ao longo de períodos de um, três, cinco, dez e quinze anos.

Constatou-se que 88% dos fundos ativos de grande capitalização não conseguiram superar o S&P 500 nos últimos 15 anos, até ao final de 2023. Ao olhar para um período mais curto de três anos, cerca de 80% não conseguiram superar o índice de referência.

Estes dados demonstram-nos que o investidor comum tenderá a não conseguir superar a média de mercado, uma vez que aproximadamente apenas 1/5 dos investidores profissionais o consegue.

Pelas razões apresentadas, a nossa alocação de capital sugerida procura evitar a seleção individual de ações e mantém-se apenas investida em três índices: Nasdaq 100, S&P 500 e MSCI World.

O Nasdaq 100 é composto por cem das maiores empresas tecnológicas listadas em bolsa, como a Apple, Microsoft, Amazon, Alphabet (Google) e Tesla. Estas empresas estão na vanguarda da inovação em áreas como inteligência artificial, cloud computing e biotecnologia. Devido à natureza inovadora e de alto crescimento das empresas deste setor, o Nasdaq 100 tende a ser mais volátil do que outros índices, refletindo as rápidas mudanças no domínio da tecnologia. Historicamente, o NASDAQ 100 tem superado diversos outros índices, devido ao seu foco em setores de elevado crescimento. Nos últimos 10 e 20 anos apresentou, respetivamente, retornos médios anuais de 18.6% e 14.5%.

O S&P 500 é um índice composto pelas 500 maiores empresas americanas cotadas em Wall Street, não se limitando a um setor específico. Este índice engloba as maiores empresas, por capitalização bolsista, e tende a ser uma escolha essencial para investidores que procuram uma exposição ampla à economia dos EUA. As empresas incluídas operam em diversos setores, entre os quais destacamos: Serviços de Comunicação, Consumo Discricionário, Produtos Básicos do Consumidor, Energia, Finanças, Saúde, Indústrias, Tecnologia da Informação, Materiais, Imobiliário e Utilities. Este índice oferece um nível de diversificação que reduz o risco em comparação com índices mais concentrados.

Embora o S&P 500 seja constituído por empresas norte-americanas, a sua abrangência é global. Tendo em consideração a globalização da economia, estas empresas operam em diversos países e setores, tornando o índice um barómetro não só da economia norte-americana, mas também global. Nos últimos 10 e 20 anos apresentou, respetivamente retornos médios anuais de 12.6% e 9.8%.

Por sua vez, o MSCI World é um índice que reúne as maiores empresas de 23 países desenvolvidos, proporcionando uma diversificação global em diversos setores. Ao investir neste índice, o nosso portfólio está exposto a diferentes economias e indústrias, reduzindo o risco e aumentando o potencial de retorno a longo prazo. Nos últimos 10 e 20 anos apresentou, respetivamente retornos médios anuais de 11.9% e 9.1%.

Para os três índices considerados, os retornos apresentados incluem dividendos e são considerados os valores antes de qualquer custo e/ou comissão. O MSCI World é um índice amplamente utilizado como referência para comparar o desempenho de investimentos em mercados desenvolvidos globalmente. O S&P 500, por sua vez, é um importante índice que acompanha as maiores empresas dos Estados Unidos e é frequentemente utilizado como benchmark para o mercado americano e global. Por outro lado, o Nasdaq é considerado um benchmark fundamental para o setor de tecnologia.

A alocação ideal entre o Nasdaq 100, S&P 500 e MSCI World depende fortemente do perfil de risco, nível de rendimento, idade, nível de experiência e horizonte temporal do investidor. Idealmente investidores com uma maior tolerância ao risco e um horizonte temporal mais longo podem optar por alocar uma maior percentagem ao Nasdaq 100. O foco em tecnologia pode proporcionar retornos superiores a longo prazo, mas também está sujeito a maiores níveis de volatilidade.

Para investidores com um perfil de risco mais conservador, com um nível de rendimento moderado e com um horizonte temporal de médio/longo prazo, o S&P 500 funciona como um ponto de partida mais equilibrado para muitas carteiras de investimento. A sua exposição diversificada a vários setores e a inclusão de empresas consolidadas de grande capitalização proporcionam uma combinação de crescimento e estabilidade, sendo ideal para quem procura retornos consistentes sem uma volatilidade excessiva.

Por fim, o índice MSCI World é uma boa opção para quem procura diversificação global, especialmente para investidores com menor tolerância ao risco ou com um horizonte temporal mais reduzido. Considerando os níveis de volatilidade mais reduzidos, quando comparado com os outros dois índices, o MSCI apresenta-se como uma boa solução para quem possa precisar de retirar os fundos no curto/médio prazo. Ao incluir ações de países desenvolvidos em várias regiões, o índice oferece uma exposição global, ajudando a reduzir a dependência de qualquer economia ou setor específico e, deste modo, é uma opção viável para a preservação de capital, com retornos médios satisfatórios.

Considerando os dados recolhidos pelo investidor, a alocação de ativos será ajustada com base em múltiplas variáveis cruciais. Para investidores que demonstrem uma maior tolerância à volatilidade, tenham um horizonte temporal longo e não planeiem retirar os fundos num futuro próximo, o algoritmo tende a atribuir um peso mais elevado ao Nasdaq 100, dado o seu histórico de maior crescimento e volatilidade. Este índice é mais adequado para investidores com um maior nível de experiência no mercado e uma perceção precisa sobre o risco associado às oscilações de preço.

Por outro lado, para investidores mais avessos ao risco de oscilação de preço (volatilidade) e horizonte temporal mais reduzido, a alocação tenderá a ser maior no MSCI e S&P500.

A idade do investidor é, de igual modo, um fator determinante na alocação dos três índices, tendo em consideração que o simulador foi preconizado com o intuito de investimento próprio e não para herdeiros e/ou terceiros. Investidores mais jovens, com maior tempo para recuperar perdas, tendem a beneficiar de uma maior exposição ao Nasdaq 100, onde o elevado potencial de crescimento compensa a sua maior volatilidade. Em contrapartida, investidores mais próximos da reforma, que necessitam de preservar o capital e manter uma

maior liquidez, poderão ter uma alocação mais conservadora, com maior peso no MSCI World, que proporciona uma volatilidade mais moderada e maior estabilidade.

Ademais, o perfil de rendimento também influencia esta distribuição, uma vez que investidores com rendimentos mais elevados podem suportar uma maior exposição a ativos de maior risco, como o Nasdaq 100, enquanto investidores com rendimentos mais limitados poderão preferir a segurança de índices mais diversificados e menos voláteis (MSCI World e S&P 500).

Deste modo, o algoritmo considera diversas variáveis como a idade, rendimento, perceção face à volatilidade, experiência no mercado e horizonte temporal, atribuindo pesos específicos a cada um dos índices, combinando numa alocação final que englobará sempre uma combinação dos três, garantindo sempre que o portfólio sugerido está alinhado com os objetivos financeiros do indivíduo, bem como o seu perfil de investidor.

Embora a alocação varie consoante os fatores enumerados, procurámos garantir, em todos os portfólios uma exposição considerável ao S&P 500, dada a sua magnitude como indicador base de mercado.

Em resumo, investir numa combinação destes três índices permite a construção de uma carteira diversificada, reduzindo o risco e aumentando o potencial de retorno a longo prazo, uma vez que estamos expostos a todos os setores, indústrias e geografias. Em qualquer alocação é sempre sugerido o reforço periódico mensal, para que seja possível usufruir dos benefícios do Dollar Cost Averaging (DCA). Na figura 3 é possível graficamente entender estes benefícios.

Warren Buffett, considerado um dos maiores investidores da história, considera que o cidadão comum deveria apenas remeter-se a alocar capital regularmente (DCA) num fundo de índice, pois as probabilidades para obter retornos superiores a este são diminutas. Indo de encontro a esta linha de raciocínio, surge o racional inerente ao simulador financeiro deste trabalho, que permite ao indivíduo não profissional ter uma opção diversificada de investimento em ações, sem ter de as selecionar individualmente.

3.3 Exemplo

Para exemplo do Simulador, considerámos o Mauro, um indivíduo jovem, com experiência no mercado, onde o seu objetivo é a reforma antecipada. Possui um rendimento mensal líquido de 1200€, com despesas fixas de 250€. Propõe-se a fazer um investimento inicial de 1800€, com reforços anuais de 1250€. O horizonte temporal do investimento é de 35 anos e não planeia retirar o dinheiro nos primeiros 8 anos. Para além disto, não apresenta qualquer receio face à volatilidade dos mercados.

O relatório fornecido apresenta uma análise detalhada com base nas informações do investidor, começando com a sua taxa de poupança de 79.17%, que é excelente. Esta elevada taxa de poupança reflete uma grande capacidade de acumular capital, o que é extremamente positivo para alcançar objetivos financeiros a longo prazo.

No entanto, antes de qualquer investimento, o relatório recomenda sempre a criação de um fundo de emergência que garanta pelo menos 6 meses de despesas. Isto serve como uma medida de segurança para evitar a necessidade de vender ativos num momento de crise ou de imprevistos. De igual modo, é sempre recomendada a leitura dos dois documentos anexos, que tem como principal objetivo educar o leitor relativamente ao mercado (Figura 3 e Anexo D).

No que diz respeito à alocação de capital, o relatório sugere uma distribuição ponderada entre os três grandes índices: Nasdaq 100: 44%, S&P 500: 44% e MSCI World: 12%.

Esta alocação reflete uma aposta significativa nos mercados norte-americanos, e especialmente no setor tecnológico (Nasdaq 100 e S&P 500), com um pequeno complemento global através do MSCI World, garantindo, assim, uma diversificação geográfica e setorial.

A alocação de 44% no Nasdaq 100 é adequada ao perfil do investidor, que tem experiência no mercado e não receia a volatilidade no curto prazo. Dado o seu horizonte temporal de longo prazo, esta exposição ao Nasdaq 100 beneficia do potencial elevado das empresas tecnológicas, alinhando-se com os seus objetivos de reforma antecipada.

A escolha de 44% no S&P 500 reflete uma abordagem equilibrada, pois este índice, como indicador base, oferece estabilidade e diversificação dentro da economia americana, sendo ideal para sustentar o crescimento a longo prazo, sem comprometer a segurança do capital. Os 12% no MSCI World complementam o portefólio com uma diversificação global, expondo o indivíduo a mercados internacionais.

Relativamente ao montante inicial a investir, e tendo como base os 1800€ sugeridos pelo investidor, recomenda-se um valor de 792€ para o NASDAQ 100 e o S&P 500, e 216€ para o MSCI World, acompanhado por reforços mensais de 45.83€ nos dois primeiros e 12.5€ no último.

Estes reforços mensais visam garantir que o portefólio se mantém equilibrado e que continua a crescer de forma consistente no longo prazo.

No final do relatório encontra-se uma frase do Warren Buffett, que nos deverá lembrar que nos investimentos a simplicidade resulta, não sendo preciso aderir a estratégias extremamente complexas para obter resultados extraordinários.

Neste caso, consideramos a indexação extremamente simples e eficaz, onde os fatores determinantes são a confiança na estratégia e a predisposição para esperar que esta capitalize e produza resultados no longo prazo.

No Anexo G é possível observar o funcionamento do simulador financeiro.

4. Resultados e Discussão

4.1 Análise dos Ecrãs do Dashboard

Neste capítulo iremos proceder à análise dos resultados obtidos a partir do Dashboard desenvolvido, explorando as diferentes dimensões apresentadas, com o objetivo de identificar padrões, correlações e insights relevantes sobre o perfil dos investidores, a sua literacia financeira e a experiência passada no mercado acionista.

Tal como previamente referido, de modo a facilitar a análise dos inquéritos realizados, as respostas foram agrupadas em três ecrãs distintos do Dashboard, de modo a permitir uma avaliação mais meticulosa e rigorosa dos dados recolhidos. De seguida, passamos à análise individual dos mesmos.



Figura 4 - Ecrã Overview (Fonte: Elaboração Própria)

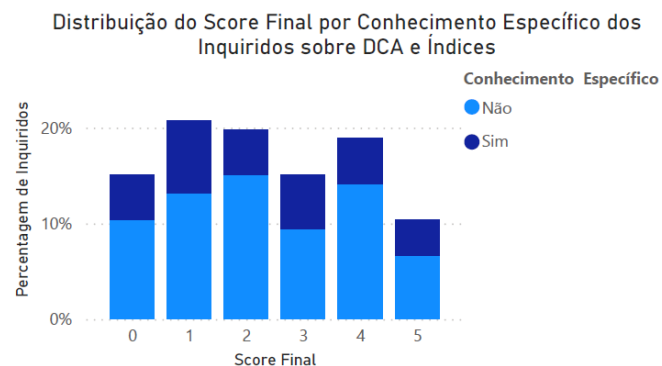
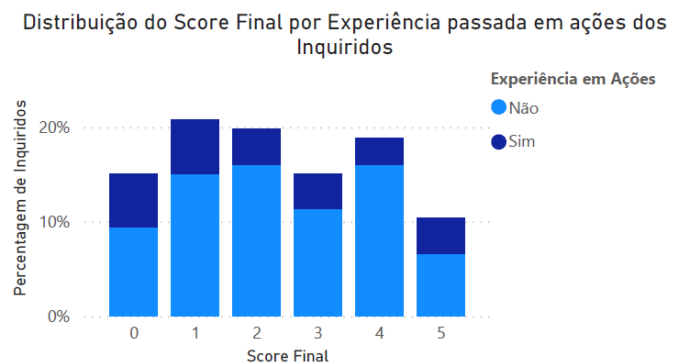
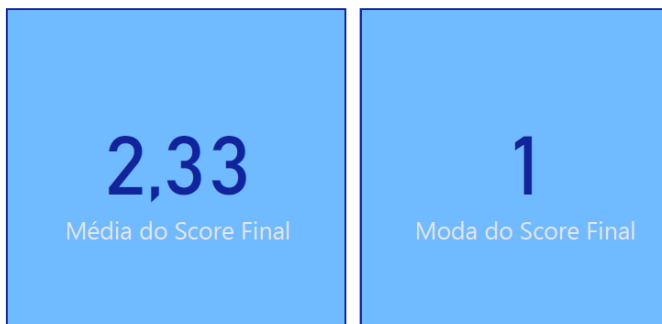
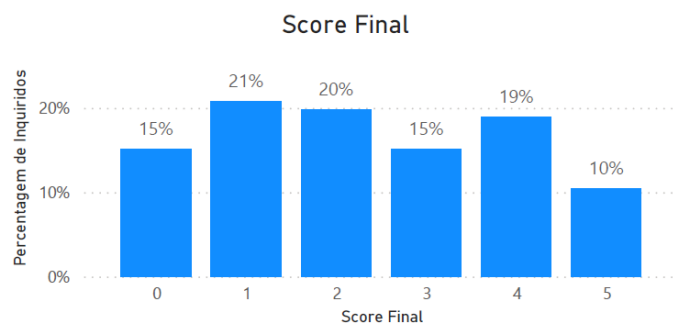
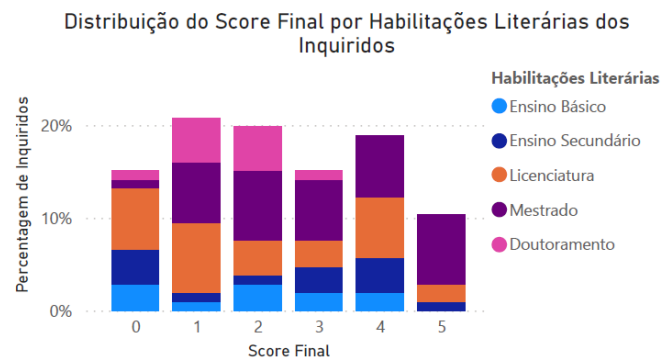
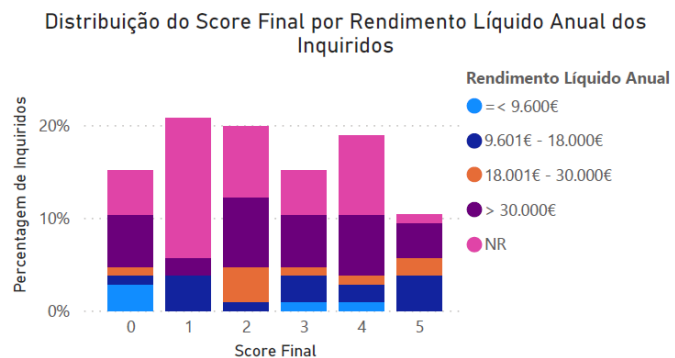
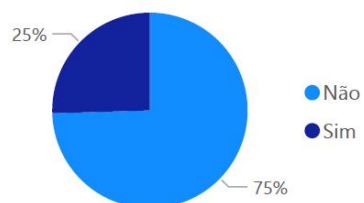
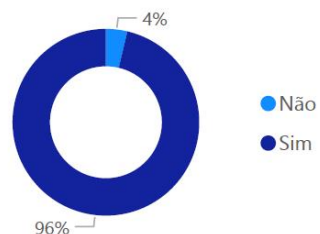


Figura 5 - Ecrã Análise Perfil de Investimento e Literacia Financeira (Fonte: Elaboração Própria)

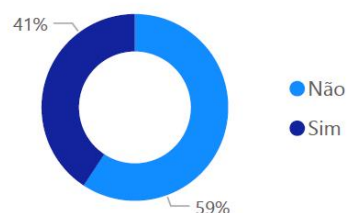
Experiência Passada em Ações



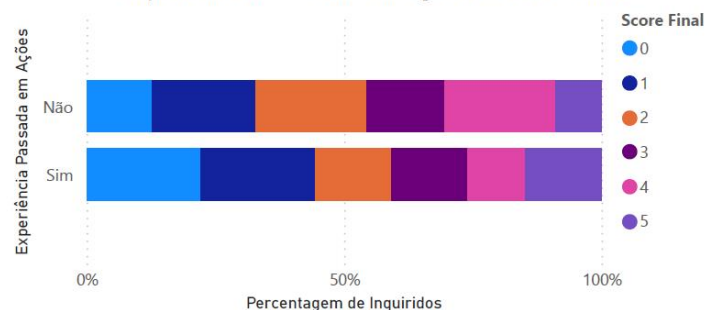
Gostaria de estar mais informado sobre ações?



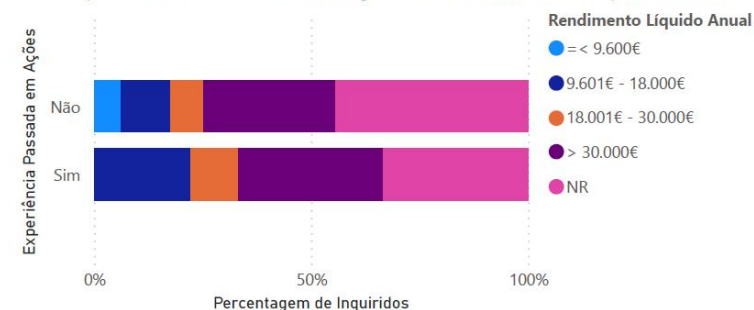
Apenas especialistas devem investir em ações?



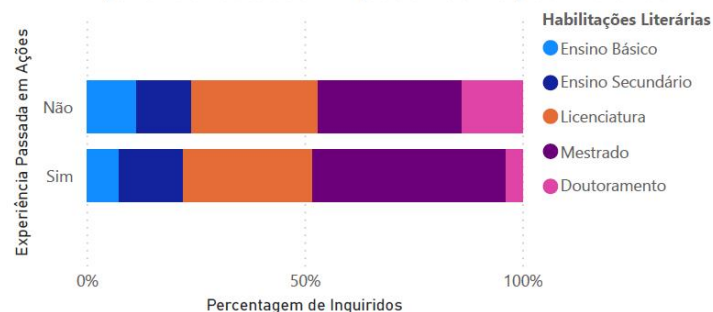
Experiência Passada em Ações e Score Final



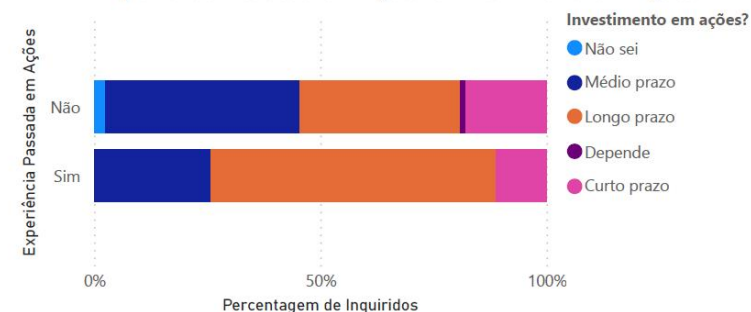
Experiência Passada em Ações e Rendimento Líquido Anual



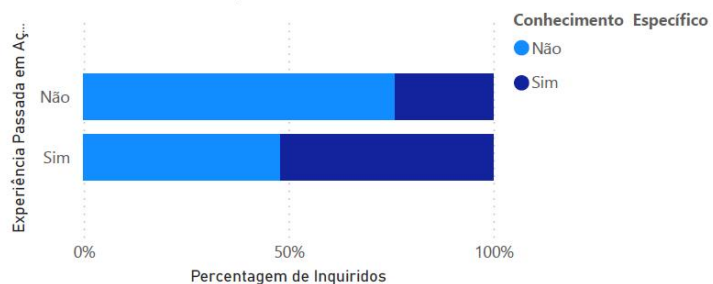
Experiência Passada em Ações e Habilitações Literárias



Experiência Passada em Ações e Investimento em Ações



Experiência Passada em Ações e Conhecimento Específico dos Inquiridos sobre DCA e Índices



Experiência Passada em Ações e Pessoas estão informadas sobre ações?

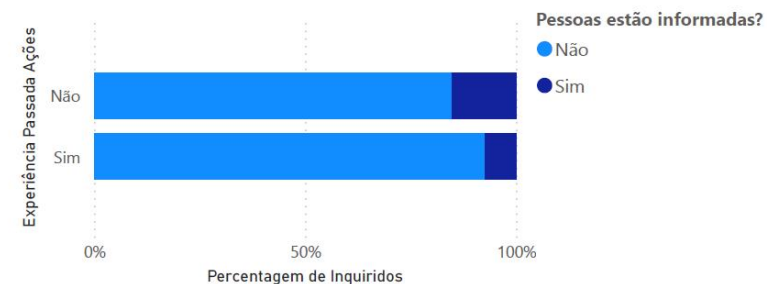


Figura 6 – Ecrã Análise Experiência em Ações (Fonte: Elaboração Própria)

4.1.1. Overview - Caracterização da amostra

Na figura 4 podemos observar o primeiro ecrã Overview - Caracterização da amostra. Considerando que se trata de um ecrã de contextualização da amostra, a discriminação individual dos gráficos encontra-se no Anexo A.

Para compreender o tema abordado, foram realizadas entrevistas individuais com uma amostra de conveniência composta por 107 indivíduos escolhidos aleatoriamente. Esta amostra apresenta uma diversidade significativa, quer em termos de perfis demográficos, quer em termos financeiros, conforme evidenciado pelos dados recolhidos.

Relativamente ao género, a maioria dos participantes é do género feminino, correspondendo a 60% da amostra, enquanto 40% são do género masculino (Figura 26). A distribuição etária é variada, com uma maior concentração nas faixas etárias de 31-35 anos e 51-55 anos, sendo que as faixas etárias de 18-25 anos e mais de 60 anos estão menos representadas (Figura 27).

A análise dos salários líquidos mensais (Figura 29) revela uma variação considerável. Ainda que 39% dos inquiridos tenham optado por não responder (NR), cerca de 23% declararam rendimentos mensais superiores a 2.500€, enquanto 23% auferem entre 800€ e 1.500€ e 13% situam-se na faixa de 1.501€ a 2.500€.

A análise do rendimento líquido anual (Figura 28) revela que a maior parte dos inquiridos optou por não revelar (NR) essa informação. Entre os que responderam, a maioria situa-se na faixa superior a 30.000€, representando 31% da amostra, seguida pela faixa entre 9.601€ e 18.000€, com 14% dos inquiridos. Uma pequena proporção tem rendimentos abaixo de 9.600€ (5%) ou entre 18.001€ e 30.000€ (8%). Considerámos relevante fazer a distinção entre salário líquido mensal e rendimento anual líquido, pois existem diversos indivíduos com fontes de rendimento para além do seu salário.

É evidente que, nas últimas duas variáveis abordadas, a maioria dos participantes que forneceu respostas possui rendimentos anuais e/ou salários líquidos considerados elevados face à média nacional.

No que diz respeito às profissões, os entrevistados encontram-se distribuídos por diversas áreas, com maior representatividade nas áreas administrativa, consultoria e empreendedorismo, seguidas por docentes universitários, consultores imobiliários e contabilistas (Figura 30).

Em termos de habilitações literárias (Figura 31), a maioria dos participantes possui Licenciatura, seguida por aqueles com Mestrado. Os entrevistados com Ensino Secundário ou Básico têm menor representatividade.

Relativamente à classe de ativos onde alocam maioritariamente o seu capital, o Imobiliário surge como a categoria mais comum, seguido por Nada, Criptomoedas e

Certificados de Aforro, sendo que há também um interesse em Ações, Fundos de Investimento e Depósitos (Figura 32).

Em relação à percentagem de investimento atual, as preferências dos inquiridos variam, com picos em valores como 5% e 15% (Figura 33), de forma semelhante à percentagem de investimento ideal, que se concentra em 10%, 15% e 30% (Figura 34). No que toca à percentagem de poupança, a maioria dos inquiridos poupa entre 10% e 15% dos seus rendimentos, sendo que consideram ideal uma poupança situada entre 25% e 30% (Figuras 35 e 36).

4.1.2 Análise Perfil de Investimento e Literacia Financeira

A análise deste ecrã do Dashboard (Figura 5) revela um nível baixo de literacia financeira entre os inquiridos, evidenciado pelos scores baixos que obtiveram no quiz de literacia financeira. A distribuição geral dos scores finais revela que a maioria dos inquiridos obteve scores baixos, com uma média de 2,33 e uma moda de 1 (Figura 7), o que reforça a conclusão de que o nível médio de literacia financeira é baixo. O gráfico de distribuição de scores mostra uma concentração nas pontuações mais baixas, suportando a observação referida (Figura 10).

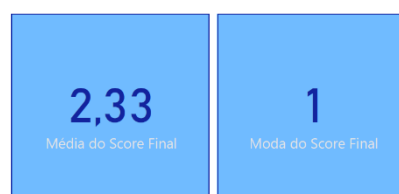


Figura 7 – Média e Moda do Score Final (Fonte: Elaboração Própria)

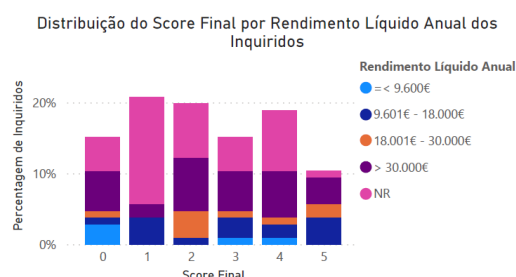


Figura 8 - Distribuição do Score Final por Rendimento Anual Líquido (Fonte: Elaboração Própria)

Tendo em conta que a maioria dos inquiridos optou por não responder ao rendimento líquido anual, a análise desta variável torna-se complexa. No entanto, apesar de se observar que os inquiridos com rendimentos mais baixos ($\leq 9.600\text{€}$) tendem a obter scores entre 0 e 2, verificamos, mesmo nas faixas de rendimento mais elevadas, a presença de scores baixos.

Assim, observamos que a literacia financeira é um desafio que afeta todas as classes de rendimento (Figura 8).

A análise por habilitações literárias (Figura 9) mostra que, ainda que, respondentes com níveis mais baixos de habilitações literárias (ensino básico e secundário) tendam a obter scores mais baixos, também é verdade que, mesmo entre os inquiridos com habilitações literárias mais elevadas (mestrado e doutoramento), a distribuição dos scores não é necessariamente superior, o que sugere que as habilitações literárias não estão diretamente relacionadas com o nível de literacia financeira.

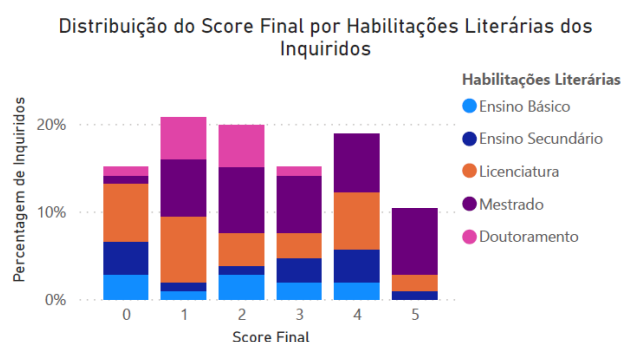


Figura 9 - Distribuição do Score Final por Habilitações Literárias (Fonte: Elaboração Própria)

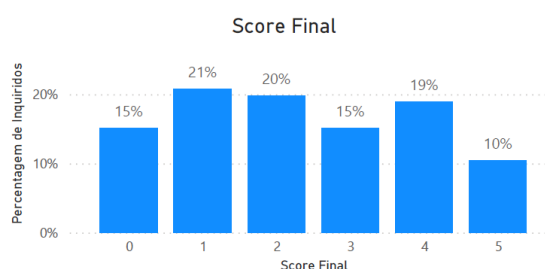


Figura 10 - Distribuição do Score Final (Fonte: Elaboração Própria)

As respostas ao questionário mostram que a maioria dos participantes vê o investimento em ações como algo que exige um conhecimento especializado e profundo do mercado financeiro. Segundo os dados, 68% concordam que apenas especialistas devem investir neste mercado.

Apenas Especialistas devem investir?

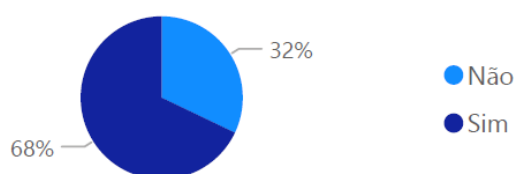


Figura 11 - Apenas Especialistas Devem Investir? (Fonte: Elaboração Própria)

Apenas 32% dos inquiridos considera que não é necessário conhecimento especializado para se investir nesta classe de ativos (Figura 11).

A análise à Figura 12 sugere-nos que a experiência passada em ações pode estar associada a uma literacia financeira ligeiramente superior, mas não garante necessariamente um alto nível de literacia.

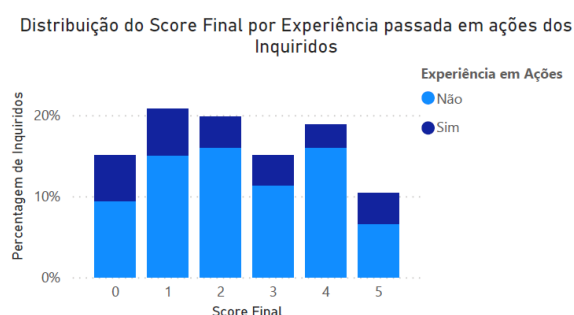


Figura 12 -Distribuição do Score final por Experiência Passada (Fonte: Elaboração Própria)

A falta de experiência em ações, por outro lado, parece estar fortemente ligada a scores mais baixos. Ainda assim, a relação não é particularmente forte, dado que ainda há uma distribuição de scores baixos entre os que têm experiência passada na bolsa de valores.

O gráfico que avalia o conhecimento específico sobre estratégias de investimento nesta classe de ativos, como o Dollar-Cost Averaging (DCA) e índices (S&P500, NASDAQ 100 e MSCI World) mostra que os inquiridos que possuem este tipo de conhecimento tendem a obter scores mais elevados (Figura 13).

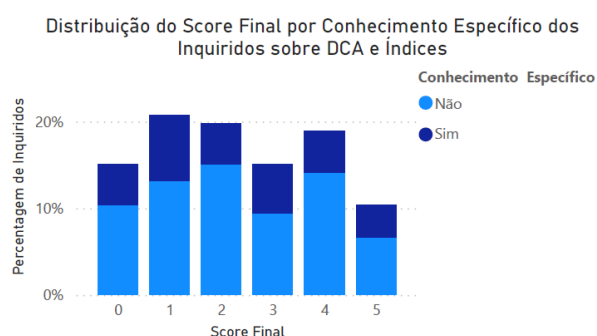


Figura 13 - Distribuição do Score Final por Conhecimento Específico (Fonte: Elaboração Própria)

No entanto, ainda há uma quantidade considerável de scores baixos, mesmo entre aqueles que afirmam ter conhecimento específico, o que indica que outros fatores além do conhecimento técnico específico influenciam a literacia financeira face ao investimento em títulos mobiliários. A grande maioria dos inquiridos (86,79%) afirma que as pessoas não estão informadas sobre ações (Figura 14).

Pessoas estão informadas sobre ações?

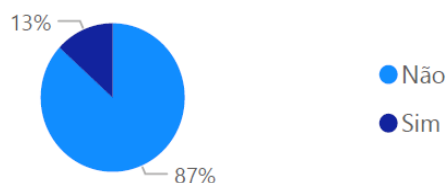


Figura 14 - Pessoas Estão Informadas Sobre Ações? (Fonte: Elaboração Própria)

De igual modo, 88% dos inquiridos expressam o desejo de melhorar o seu conhecimento sobre esta classe de ativos, o que revela uma consciência das suas limitações e uma vontade de aprender e melhorar o seu conhecimento financeiro (Figura 15).

Gostaria de estar mais informado sobre ações?

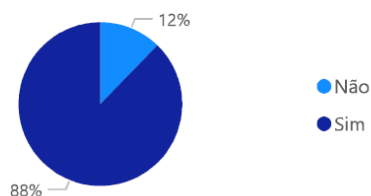


Figura 15 - Gostaria de estar mais informado sobre ações? (Fonte: Elaboração Própria)

Deste modo, é perceptível a elevada percentagem (86%) que assume que confiaria a gestão do seu portfólio pessoal a um profissional com conhecimento especializado (Figura 16).

Confiaria a gestão do portfólio a um profissional?

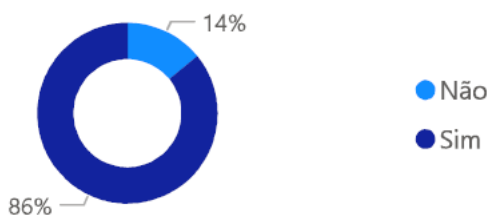


Figura 16 - Confiaria a gestão do seu portfólio a um profissional? (Fonte: Elaboração Própria)

Em suma, este ecrã do Dashboard destaca um nível significativamente baixo de literacia financeira, transversal a diferentes níveis de rendimento, habilitações literárias e experiências de investimento passadas. Deste modo, torna-se evidente a clara admissão da falta de conhecimento face ao mercado acionista, bem como vontade expressa dos respondentes em melhorar o seu conhecimento financeiro relativo ao tema.

4.1.3 Análise Experiência Passada em Ações

O terceiro ecrã da Dashboard (Figura 6) proporciona uma análise detalhada sobre a relação entre a experiência em investimentos no mercado acionista e diversos fatores demográficos, de conhecimento e comportamento financeiro entre os inquiridos.

Observa-se que apenas 25% dos inquiridos têm experiência prévia em investimentos no mercado de ações, enquanto a maioria, 75%, nunca investiu nesse tipo de ativo. Isto indica que o nível de familiaridade com o mercado de ações é relativamente baixo entre o grupo analisado (Figura 17).

Experiência Passada em Ações

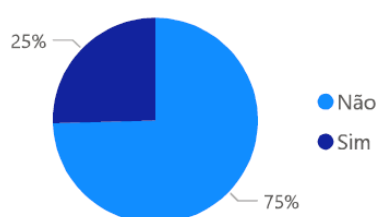


Figura 17 - Experiência Passada Em Ações (Fonte: Elaboração Própria)

Conforme observamos na figura 18, a distribuição dos scores finais parece ser bastante similar entre os dois grupos, com uma concentração maior nas faixas intermediárias (scores 2, 3 e 4).

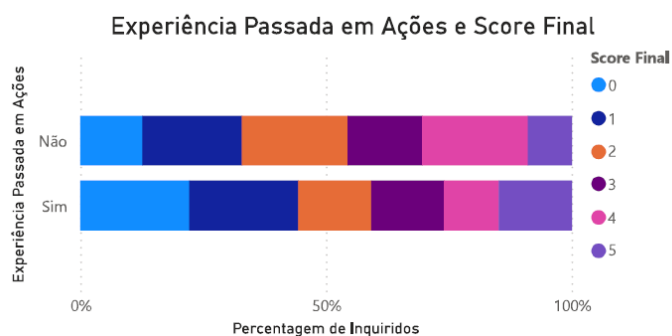


Figura 18 - Experiência Passada Em Ações e Score Final (Fonte: Elaboração Própria)

Isto sugere que, de forma geral, a experiência passada em ações não está fortemente relacionada com um score final significativamente mais alto, não sendo, deste modo, possível concluir que um dos grupos (com ou sem experiência) tenha obtido resultados significativamente melhores.

Analisando a relação entre experiência em ações e rendimento líquido anual, fica claro que existe uma dispersão considerável dos dados, dificultando a identificação de uma correlação clara e direta entre as duas variáveis (Figura 19).

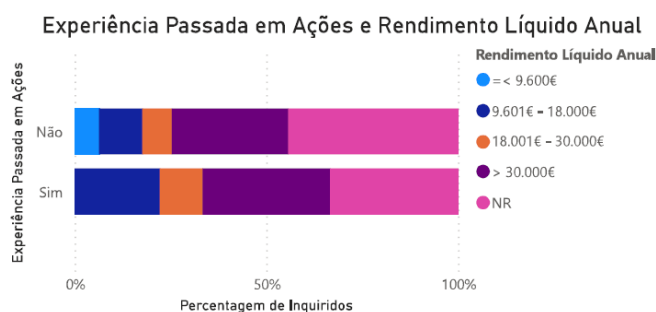


Figura 19 - Experiência Passada em Ações e Rendimento Líquido Anual (Fonte: Elaboração Própria)

No que diz respeito às habilitações literárias (Figura 20), a distribuição dos níveis parece ser bastante similar tanto para aqueles com experiência em ações quanto para aqueles sem experiência. Isso significa que, em ambos os grupos, encontramos pessoas com diferentes níveis de habilitações literárias, desde o ensino básico até ao doutoramento. Deste modo, não é possível identificar uma correlação direta entre a experiência passada em ações e as habilitações literárias.

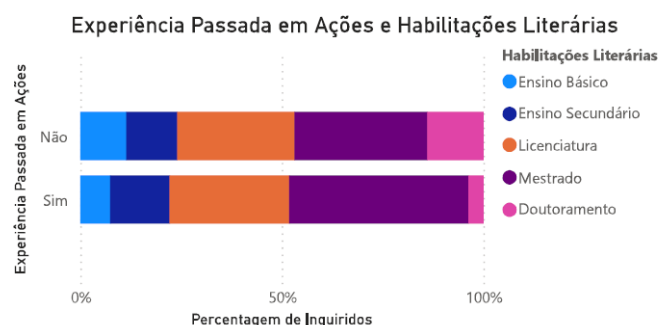


Figura 20 - Experiência Passada em Ações e Habilitações Literárias (Fonte: Elaboração Própria)

Quanto aos horizontes temporais dos investimentos (Figura 21), entre os inquiridos que nunca investiram em ações, nota-se uma distribuição relativamente equilibrada entre os diferentes horizontes temporais.

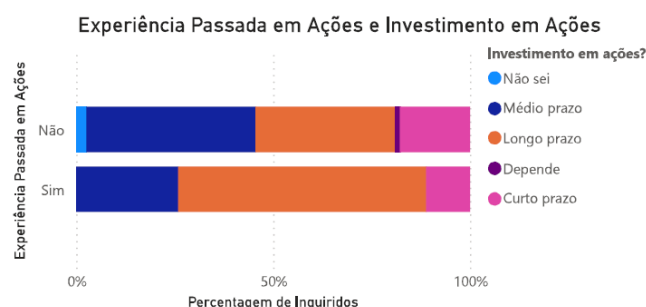


Figura 21 - Experiência Passada em Ações e Horizonte Temporal do Investimento (Fonte: Elaboração Própria)

Embora uma boa parte destes inquiridos prefira o investimento a longo prazo, uma proporção significativa opta pelo médio prazo e pelo curto prazo. De igual modo, uma pequena parte dos respondentes sem experiência expressou incerteza face ao horizonte temporal, ou indicou que a escolha depende de outros fatores.

Concluindo, as preferências de investimento entre os inquiridos que nunca investiram em ações mostram-se bastante dispersas e não apontam para uma tendência clara. As escolhas variam significativamente entre longo prazo, médio prazo, curto prazo, e até respostas de incerteza ou dependência de outros fatores.

Por outro lado, entre os investidores com experiência prévia em ações, existe claramente uma preferência mais acentuada pelo longo prazo. Isto sugere que a experiência no mercado tem influência numa clara tendência para preferência dos investidores experientes para o longo prazo.



Figura 22 - Apenas especialistas devem investir em ações? (Fonte: Elaboração Própria)

A ideia de que apenas especialistas devem investir em ações é rejeitada por 59% dos inquiridos, sugerindo uma visão mais aberta e inclusiva do mercado financeiro, contrariamente ao que acontece no grupo dos que nunca investiram em ações, tal como analisado no ecrã anterior. Este dado pode indicar que, com o conhecimento adequado, qualquer um pode participar do mercado acionista (Figura 22).

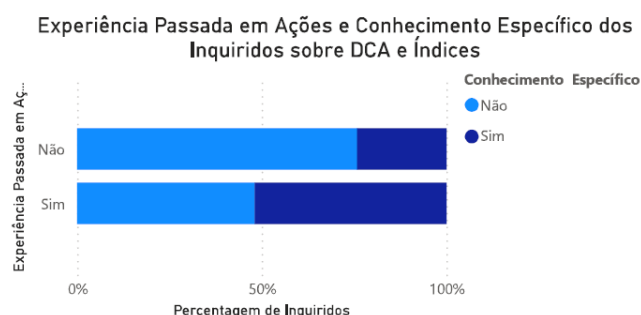


Figura 23 - Experiência Passada em Ações e Conhecimento Específico dos Inquiridos sobre DCA e Índices (Fonte: Elaboração Própria)

Relativamente ao conhecimento específico sobre estratégias de investimento, como o Dollar-Cost Averaging (DCA) e índices, este é evidentemente maior entre aqueles que já investiram em ações no passado (Figura 23).

Após analisar a figura 24, é perceptível que ambos os grupos consideram que a maioria das pessoas não está bem informada relativamente a esta classe de ativos.

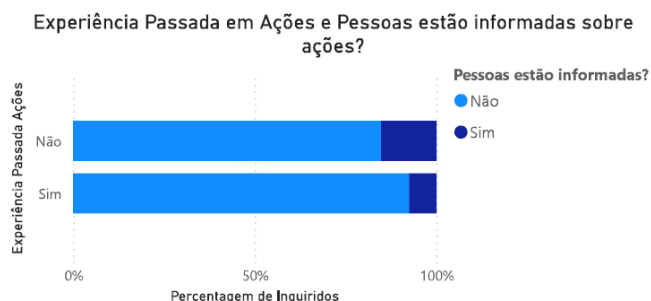


Figura 24 - Experiência Passada em Ações e Pessoas estão informadas sobre ações? (Fonte: Elaboração Própria)

De igual modo, através da figura 25 que se encontra filtrada para apenas aqueles com experiência prévia na bolsa de valores, é visível que mesmo entre aqueles que já tiveram experiências de investimento no passado, afirmam que gostariam de expandir os seus conhecimentos dentro desta temática, estando mais informados sobre as ações.

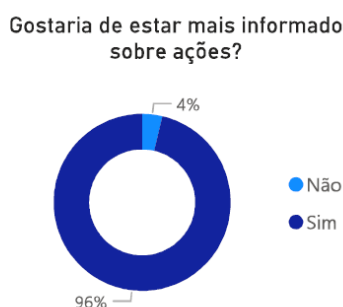


Figura 25 - Gostaria de estar mais informado sobre Ações? (Fonte: Elaboração Própria)

Em síntese, o ecrã do Dashboard revela que, apesar de uma minoria ter experiência em investimentos no mercado de ações, há um grande interesse em aumentar o conhecimento sobre o tema. A experiência prévia neste mercado parece estar levemente associada a rendimentos mais altos e níveis educacionais mais elevados, porém existe uma grande dispersão em todas as categorias previamente mencionadas, não nos permitindo concluir que existe uma relação direta com o nível de conhecimento do investimento em títulos mobiliários. As conclusões positivas que retiramos é que aqueles que no passado já investiram tendem a ter maior conhecimento específico face a temáticas de indexação e DCA, e defendem que investir em ações não é apenas para os especialistas.

4.2 Análise Respostas Abertas

Após analisarmos as respostas abertas de todos os inquiridos, observamos uma panóplia de perspectivas pessoais que seriam impossíveis de traduzir completamente para este trabalho, dado o número de respondentes e o âmbito da dissertação. Deste modo, agrupámos e selecionamos três pontos que parecem fundamentais e decisivos para a aversão a esta classe de ativos:

1. Desconhecimento geral face ao funcionamento do mercado acionista;
2. Desconhecimento face à seleção da ação individual, ao momento da compra (preço e quantidade) e, posteriormente, ao momento da venda; e,
3. Incerteza e desconhecimento face a fontes seguras para adquirir conhecimento relacionado com este tipo de investimento.

Estes fatores, aliados aos vieses cognitivos previamente enumerados (e inerentes a todo o humano) evidenciam que a aversão ao mercado acionista está profundamente enraizada na falta de compreensão e segurança quanto às decisões e ao acesso à informação, sugerindo que a literacia financeira pode desempenhar um papel crucial na redução desta resistência.

5. Discussão de Resultados

A análise dos dados recolhidos demonstra, de forma clara, que não há uma correlação direta entre variáveis socioeconómicas, como o rendimento líquido anual e habilitações literárias, com as variáveis financeiras, nomeadamente o score final, conhecimento específico do mercado acionista e a experiência prévia e atual neste mercado. A média de score final de 2.33 e a moda de 1 indicam um baixo nível de literacia financeira geral, independente da classe de rendimento ou nível educacional. Mesmo inquiridos com rendimentos elevados ou graus académicos superiores, como mestrados e doutoramentos, mostram uma dispersão significativa de scores baixos, o que sugere que a literacia financeira é uma competência que não está diretamente associada a estas variáveis.

Da mesma forma, ter experiência passada em investimentos no mercado acionista não garante um aumento expressivo no nível de literacia financeira. Embora os inquiridos com experiência em ações tenham, em média, scores superiores, muitos deles ainda apresentam scores baixos, indicando que outros fatores podem ter um papel determinante na obtenção de conhecimentos sobre o mercado bolsista.

Um dos aspetos mais interessantes é a diferença na perceção da necessidade de especialização. Os entrevistados que nunca investiram neste mercado costumam acreditar que o investimento em ações deve ser reservado apenas a especialistas, o que reflete uma visão conservadora e uma certa insegurança em relação à complexidade e aos riscos do mercado.

Por outro lado, os entrevistados que já investiram em ações mostram uma perspetiva mais abrangente, reconhecendo que, embora o conhecimento específico seja relevante, não é o único fator que influencia a participação no mercado acionista. A experiência anterior no mercado parece ser crucial para construir essa confiança, proporcionando uma compreensão mais clara de como o mercado opera e diminuindo a perceção de risco e a necessidade de especialização. Os indivíduos com experiência passada também tendem a deter mais conhecimento relativamente a temas específicos como estratégias como DCA e indexação.

A análise das respostas dos inquiridos revelou que a aversão ao investimento em ações é fortemente influenciada pelo desconhecimento sobre o seu funcionamento, e de temas específicos inerente a este, tal como preconizado através do conhecimento específico previamente mencionado. Para além disto, muitos inquiridos demonstraram falta de familiaridade com os conceitos básicos, o que gera uma sensação de insegurança e receio em investir. Esta lacuna de literacia abrange não apenas a dinâmica geral do mercado, mas também o processo de seleção individual de ações, que é percecionado como complexo. Para além disto, outro fator determinante foi a incerteza face aos momentos de compra e venda (entrada e saída de mercado), bem como os respetivos montantes a alocar.

Também a incerteza quanto a fontes fiáveis de informação é um fator relevante na aversão dos respondentes.

6. Conclusões

Tal como referido, através da análise dos dados recolhidos é possível concluir que não existe uma relação direta relevante entre as variáveis sociodemográficas analisadas e a literacia financeira associada à classe de ativos analisada.

A ausência de uma correlação direta significativa entre variáveis como o rendimento líquido anual e o nível de habilitações literárias com o desempenho financeiro no mercado acionista (medido pelos indicadores previamente apresentados, tais como o score final, conhecimento específico, experiência passada, entre outros) revela um aspeto crucial: a literacia financeira, enquanto competência essencial para uma participação informada no mercado, não está automaticamente associada a um maior nível de escolaridade ou a rendimentos mais elevados. Esta afirmação contraria a expectativa comum de que indivíduos com maior poder económico ou qualificações académicas avançadas, teriam um conhecimento superior e estariam mais aptas para lidar com decisões financeiras complexas. Pelo contrário, o estudo evidencia que essas vantagens socioeconómicas não se traduzem necessariamente em melhores competências no que toca ao investimento em ações.

O stock market puzzle afirma que existe um afastamento significativo dos investidores para com as ações, apesar de, historicamente, estas oferecerem retornos elevados. Esta discrepância sugere que, apesar dos potenciais ganhos, fatores psicológicos, comportamentais ou estruturais levam os investidores a evitar esta classe de ativos, mais volátil no curto prazo.

Assim sendo, os fatores psicológicos, identificados na revisão de literatura como vieses cognitivos, têm uma forte influência nas decisões dos investidores, contribuindo significativamente para a inércia face ao mercado acionista.

Após este estudo, é possível reforçar a ideia de que o afastamento dos investidores em relação a esta classe de ativos se deve, em grande parte, ao desconhecimento e ao medo respetivo. Um exemplo disso é a conceção errada de que para investir nesta classe de ativos é necessário selecionar ações individualmente. No entanto, a indexação demonstra que essa afirmação não é verdadeira, como evidenciado pelo simulador apresentado neste trabalho. Contudo, devido à falta de conhecimento e compreensão sobre o funcionamento deste mercado, muitos cidadãos optam por não participar.

Tendo em consideração que, de acordo com os dados recolhidos, as pessoas tendem maioritariamente a evitar esta classe de ativos, este estudo procurou identificar relações justificativas entre as diversas variáveis estudadas e o investimento no mercado acionista.

Um ponto crucial revelado pela análise é o consenso entre todos os grupos quanto à falta de informação sobre o mercado acionista. Independentemente da experiência prévia, nível de rendimentos ou habilitações literárias, existe uma perceção comum de que a população

em geral não está bem informada sobre o mercado de ações. Esta conclusão é consistente entre os diferentes grupos de inquiridos selecionados nas análises.

É igualmente importante notar que a maioria dos inquiridos expressa o desejo de melhorar o seu conhecimento sobre esta classe de ativos, o que representa uma oportunidade clara para promover a literacia financeira em geral, e do mercado acionista, em específico.

Em suma, a aversão face ao investimento no mercado acionista é atribuída, principalmente, ao desconhecimento sobre o funcionamento do mercado, bem como à complexidade do processo de seleção de ações. A falta de familiaridade com conceitos fundamentais gera insegurança e receio, dificultando a participação dos potenciais investidores. Do mesmo modo, a escassez de fontes fiáveis de informação contribui para a intensificação do desconhecimento e reforça a premissa de que investir em ações potencia a possibilidade de perda permanente de capital.

Este estudo revela, assim, uma oportunidade urgente para a criação de programas formativos, literários e educacionais que ajudem a colmatar as lacunas no conhecimento sobre o mercado de ações, permitindo que os investidores possam beneficiar dos retornos que este ativo oferece a longo prazo. Estas medidas não só promoverão uma maior participação no mercado acionista, como também terão um impacto positivo no desenvolvimento económico do país, ao capacitar os cidadãos para tomarem decisões financeiras mais informadas e sustentáveis, impulsionando tanto o crescimento individual quanto o crescimento coletivo.

De modo complementar a este estudo, foi desenvolvida uma ferramenta de simulação financeira que permite não só sugerir uma possível alocação de capital ao investidor, mas também fornece documentos que permitem informar e educar o investidor relativamente ao mercado acionista.

7. Limitações e Recomendações

7.1 Limitações

As limitações da investigação são relevantes para a interpretação dos resultados obtidos. Primeiramente, muitos participantes consideram as finanças pessoais, especialmente os rendimentos líquidos anuais ou mensais, como um tema sensível, o que levou um número significativo de inquiridos a optar por não responder a essas questões. Esta falta de informação pode ter influenciado a precisão dos dados recolhidos e, conseqüentemente, algumas conclusões do estudo, nomeadamente no que diz respeito à relação entre rendimentos e o nível de literacia financeira geral, e específica ao mercado acionista.

Além disso, observa-se que alguns indivíduos tendem a omitir informações sobre perdas que possam ter incorrido no mercado acionista. Esta reticência em partilhar experiências negativas pode distorcer a percepção geral sobre este mercado, dificultando a identificação de padrões e a análise precisa do comportamento dos investidores.

No entanto, através dos dados recolhidos e analisados, foi possível gerar conclusões e sugerir métodos de mitigação para o problema identificado.

7.2 Recomendações

Considerando os temas identificados ao longo deste estudo, surgem duas principais recomendações que visam melhorar a literacia financeira e a inclusão no mercado acionista:

- Pesquisa e Investigação Futura – Sugiro dois temas possíveis de pesquisa futura: i) Tendo sido previamente identificado como um tema extremamente relevante, surgem as seguintes questões: “Porquê é que Portugal está tão atrasado na Literacia Financeira?”, “Qual a relutância em explorar este tema?”, “Sabendo que existe correlação entre o nível de desenvolvimento económico do país e o grau de literacia financeira do mesmo, porque é que o nosso país continua a desvalorizar, na prática, este tema?” ; e, ii) Estudo da possibilidade de existência de um apoio do Estado que consiste no seguinte: Para cada recém nascido era automaticamente aberta uma conta com um valor inicial de 5.000€. O objetivo desta conta seria o investimento num índice que replicasse o MSCI World (Índice de ações que representa o desempenho de empresas de grande e média capitalização em 23 países desenvolvidos, oferecendo uma visão abrangente e diversificada do mercado acionista global). Todos os anos, existia um reforço de 1.000€ por parte do estado. Voluntariamente, poderiam existir também reforços do titular ou familiares.

Porém, a conta apenas estaria acessível para retirar os fundos após 30 anos. Acredito que fazer uma simulação desta medida seria extremamente benéfico, uma vez que traria imensos benefícios no longo prazo para os indivíduos, mas essencialmente para o desenvolvimento económico do país; e,

- Educação e Literacia Financeira – Uma recomendação evidente adjacente a esta dissertação é a implementação de diversas medidas que permitam enriquecer e aumentar os conhecimentos de literacia financeira da população. Para tal, e fornecendo uma recomendação prática para o ISCTE, acredito que implementar uma cadeira obrigatória transversal a todas as licenciaturas durante toda a duração das mesmas, seria algo extremamente útil para todos. Independentemente das áreas onde se licenciem e integrem o mercado de trabalho, todos esperam ser remunerados e começar a construir a sua vida e, para isso, quanto mais preparados estiverem para lidar com os problemas relacionado com finanças pessoais, poupança e investimento, melhor será o seu futuro financeiro. Esta unidade curricular transversal dotaria os estudantes com ferramentas essenciais para a gestão consciente dos seus rendimentos, ajudando-os a tomar decisões informadas desde o início das suas carreiras. Além disso, ao promover uma cultura de literacia financeira, o ISCTE estaria a contribuir para uma sociedade mais preparada e resiliente face aos desafios económicos, fomentando uma maior participação nos mercados financeiros, nomeadamente o mercado acionista, tendo em conta que é aquele que demonstra ter tido melhores rentabilidades no último século e, no entanto, continua a ser alvo de grande aversão por parte dos investidores.

As recomendações apresentadas visam melhorar a literacia financeira, com um foco especial na classe de ativos analisada ao longo da dissertação. As medidas propostas sugerem benefícios tanto a nível individual quanto coletivo para o nosso país.

8. Fontes

<https://www.ecb.europa.eu/press/economic->

bulletin/articles/2022/html/ecb.ebart202108_02~5c1e5a116d.en.html

<https://europa.eu/eurobarometer/surveys/detail/2953>

[https://www.jornaldenegocios.pt/mercados/detalhe/90 dos portugueses nunca investiu e
m mercados financeiros](https://www.jornaldenegocios.pt/mercados/detalhe/90_dos_portugueses_nunca_investiu_em_mercados_financeiros)

[https://clientebancario.bportugal.pt/pt-pt/publicacao/relatorio-do-inquerito-literacia-financeira-
da-populacao-portuguesa-2023](https://clientebancario.bportugal.pt/pt-pt/publicacao/relatorio-do-inquerito-literacia-financeira-da-populacao-portuguesa-2023)

9. Referências Bibliográficas

- Abdellaoui, Mohammed, Han Bleichrodt, and Corina Paraschiv. 2007. Loss Aversion under Prospect Theory: A Parameter-Free Measurement. *Management Science* 53: 1659–74.
- Acciarini, C., Brunetta, F., & Boccardelli, P. (2021). Cognitive biases and decision-making strategies in times of change: a systematic literature review. [Cognitive bias and decision-making strategy] *Management Decision*, 59(3), 638-652. <https://doi.org/10.1108/MD-07-2019-1006>.
- Ackert, L. F., & Deaves, R. (2010). In *Behavioral Finance: Psychology. Decisionmaking, and Markets*, 97, 99.
- Ackert, L. F., & Eaves, R. (2016). *Behavioral finance: Psychology, decision-making, and markets*. Pearson.
- Alves, Ana Isabel Cardoso. (2014) *Literacia Financeira e Comportamento na Tomada de Decisões Financeiras*.
- Andrikopoulos, Panagiotis, Modern Finance vs. Behavioural Finance: An Overview of Key Concepts and Major Arguments (June 1, 2007). *The ICFAI Journal of Behavioural Finance*, Vol. 4, No. 2, pp. 53-70, 2007, Available at SSRN: <https://ssrn.com/abstract=1678414>.
- Anwar, Muhammad & Khan, Sher & Rahman, Amin. (2017). Financial Literacy, Behavioral Biases and Investor's Portfolio Diversification: Empirical Study of an Emerging Stock Market. *Journal of Finance & Economics Research*. 2. 145-164. 10.20547/jfer1702204.
- Barberis, N., & Huang, M. (2001). Mental accounting, loss aversion, and individual stock returns. *Journal of Finance*, 56(4), 1247-1292. <https://doi.org/10.1111/0022-1082.00380>
- Bogle, John C. (1999). *Common Sense on Mutual Funds: New Imperatives for the Intelligent Investor*. John Wiley & Sons.
- Bogle, J. C. (2018). *Stay the Course: The Story of Vanguard and the Index Revolution*. John Wiley & Sons.
- Brennan, M. J., Li, F., & Torous, W. N. (2005). Dollar Cost Averaging. *Review of Finance*, 9(4), 509-535. <https://doi.org/10.1007/s10679-005-4999-x>.
- Brown, S.J., Veld, C., & Veld-Merkoulova, Y.V. (2018). Why Do Individuals Not Participate in the Stock Market? *Cognitive Social Science eJournal*.
- Brüggen, E., Hogreve, J., Holmlund, M., Kabadayi, S., Löfgren, M. (2017). Financial wellbeing: A conceptualization and research agenda. *Journal of Business Research*. 79. 228-237. <https://doi.org/10.1016/j.jbusres.2017.03.013>.

- Brière, M., Burgues, A., & Signori, O. (2015). The Risk-Return Trade-Off of Hedge Funds: The Role of Stock Market. *Journal of Asset Management*, 16(4), 276-294.
- Brière, M., Burgues, A., & Signori, O. (2015). Volatility exposure for strategic asset allocation. *The Journal of Portfolio Management*, 41(2), 74-86. <https://doi.org/10.3905/jpm.2010.36.3.105>
- Brinson, G. P., Hood, L. R., & Beebower, G. L. (1986). Determinants of portfolio performance. *Financial Analysts Journal*, 42(4), 39-44. <https://doi.org/10.2469/faj.v42.n4.39>
- Black, F., & Scholes, M. (1973). The pricing of options and corporate liabilities. *Journal of Political Economy*, 81(3), 637-654. <https://doi.org/10.1086/260062>
- Bodie, Z., Kane, A., & Marcus, A. J. (2014). *Investments* (10th ed.). McGraw-Hill Education.
- Calcott, P., Petkov, V. Excessive consumption and present bias. (2022). *Econ Theory* 74, 113–134. <https://doi.org/10.1007/s00199-021-01356-7>.
- Carita, P. M. S. (2016). A Importância da Literacia Financeira nas Decisões de Investimento.
- Cilley, N., & Pearson, B., PhD.C.F.P® A.F.C. (2022). Confirmation Bias and Financial Planning-Narratives from Industry. *Journal of Financial Planning*, 35(4), 58-61. <https://www.proquest.com/trade-journals/confirmation-bias-financial-planning-narratives/docview/2649328646/se-2>.
- Chen, N. F., Roll, R., & Ross, S. A. (1986). Economic forces and the stock market. *The Journal of Business*, 59(3), 383-403. <https://doi.org/10.1086/296344>
- Clark, R. L., Lusardi, A., & Mitchell, O. S. (2017). Financial knowledge and 401(k) investment performance: a case study. *Journal of Pension Economics and Finance*. 2017;16(3):324-347. <https://doi.org/10.1017/S1474747215000384>
- Dimson, Elroy (2002). *Triumph of the Optimists: 101 Years of Global Investment Returns*.
- De Bertoni, M., Bonfatti, A., Celidoni, M., Crema, A. & Dal Bianco, C. (2019). 4. Personality traits and financial behaviour. In A. Börsch-Supan, J. Bristle, K. Andersen-Ranberg, A. Brugiavini, F. Jusot, H. Litwin & G. Weber (Ed.), *Health and socio-economic status over the life course: First results from SHARE Waves 6 and 7* (pp. 49-56). Berlin, Boston: De Gruyter Oldenbourg. <https://doi.org/10.1515/9783110617245-004>
- Dziurakh, Y. (2022). Essence and classification of investments as a financial and economic category. *Scientific Notes of Ostroh Academy National University, "Economics" Series*.
- Eeckhoudt, L., Fiori, A. M., & Gianin, E. R. (2018). Risk Aversion, Loss Aversion, and the Demand for Insurance.
- Fama, E. F. (1970). Efficient Capital Markets: A Review of Theory and Empirical Work. *The Journal of Finance*, 25(2), 383–417. <https://doi.org/10.2307/2325486>
- Fama, E. F. (1981). Stock returns, real activity, inflation, and money. *The American Economic Review*, 71(4), 545-565.

- Fama, E. F., & French, K. R. (1989). Business conditions and expected returns on stocks and bonds. *Journal of Financial Economics*, 25(1), 23-49. [https://doi.org/10.1016/0304-405X\(89\)90095-0](https://doi.org/10.1016/0304-405X(89)90095-0)
- Fama, E. F., & French, K. R. (1993). Common risk factors in the returns on stocks and bonds. *Journal of Financial Economics*, 33(1), 3-56. [https://doi.org/10.1016/0304-405X\(93\)90023-5](https://doi.org/10.1016/0304-405X(93)90023-5)
- Fama, Eugene & French, Kenneth. (2010). Luck Versus Skill in the Cross Section of Mutual Fund Returns. *The Journal of Finance*. 65. 1915 - 1947. 10.1111/j.1540-6261.2010.01598.x.
- Fisher, Patti and Yao, Rui, Gender Differences in Financial Risk Tolerance (August 28, 2017). *Journal of Economic Psychology*, Vol. 61, 191-202. <https://doi.org/10.1016/j.joep.2017.03.006>.
- Friede, Gunnar & Busch, Timo & Bassen, Alexander. (2015). ESG and financial performance: Aggregated evidence from more than 2000 empirical studies. *Journal of Sustainable Finance & Investment*. 5. 210-233. <https://doi.org/10.1080/20430795.2015.1118917>.
- Gal, David and Rucker, Derek, The Loss of Loss Aversion: Will It Loom Larger Than Its Gain? (2017). *Journal of Consumer Psychology*, Forthcoming, Available at SSRN: <https://ssrn.com/abstract=3049660>.
- Geltner, David & Miller, Norm. (2007). *Commercial Real Estate Analysis and Investments*.
- Gorton, G., & Rouwenhorst, K. G. (2006). Facts and fantasies about commodity futures. *Financial Analysts Journal*, 62(2), 47-68. <https://doi.org/10.2469/faj.v62.n2.4083>
- Grable, J.E., & Lytton, R.H. (1999). Financial risk tolerance revisited: the development of a risk assessment instrument*. *Financial Services Review*, 8, 163-181.
- Graham, B. (1949). *The Intelligent Investor*.
- Graham B., Dodd D. 1934. *Security Analysis*. 1st Edition: McGraw-Hill.
- Greenwald, B. (2020). *Value Investing: From Graham to Buffett and Beyond*, 2nd edition.
- Guiso, Luigi & Jappelli, Tullio. (2005). Awareness and Stock Market Participation. *Review of Finance*. 9. 537-567. 10.1007/s10679-005-5000-8.
- Haliassos, M., & Bertaut, C.C. (1995). Why Do So Few Hold Stocks. *The Economic Journal*, 105, 1110-1129.
- Hanna, S. D., & Lindamood, S. (2004). An improved measure of risk aversion. *Financial Counseling and Planning*, 15(2), 27-38.
- Henriques, C. O., Neves, M. E., Conceição, J.,A., & Vieira, E. S. (2023). Performance of US and European Exchange Traded Funds: A Base Point-Slack-Based Measure Approach. *Journal of Risk and Financial Management*, 16(2), 130.
- Huston, S. J. (2010). Measuring Financial Literacy. *Journal of Consumer Affairs*, 44(2), 296–316.

- Kahneman, Daniel. (2003). "A Psychological Perspective on Economics." *American Economic Review* 93.2 162-168.
- Kahneman, D., & Tversky, A. (1979). Prospect Theory: An Analysis of Decision under Risk. *Econometrica*, 47(2), 263–291. <https://doi.org/10.2307/1914185>.
- Kadoya, Y., & Khan, M. (2020). What determines financial literacy in Japan? *Journal of Pension Economics & Finance*, 19(3), 353-371. doi:10.1017/S1474747218000379.
- Seung-Woog Kwag, & Lee, S. W. (2006). Value Investing and the Business Cycle. *Journal of Financial Planning*, 19(1), 64-66,68-71. <https://www.proquest.com/trade-journals/value-investing-business-cycle/docview/217545003/se-2>.
- Leibowitz, M.L., & Krasker, W.S. (1988). The Persistence of Risk: Stocks versus Bonds over the Long Term. *Financial Analysts Journal*, 44, 40-47. <https://doi.org/10.2469/FAJ.V44.N6.40>
- Lobão, J. (2012). *Finanças Comportamentais: Quando a Economia Encontra a Psicologia*, (ed) Actual, Lisboa.
- Loewenstein, G. F., Weber, E. U., Hsee, C. K., & Welch, N. (2001). Risk as feelings. *Psychological Bulletin*, 127(2), 267–286. <https://doi.org/10.1037/0033-2909.127.2.267>.
- Louis K.C. Chan & Josef Lakonishok (2004) Value and Growth Investing: Review and Update, *Financial Analysts Journal*, 60:1, 71-86, DOI: 10.2469/faj.v60.n1.2593
- Lozano, F.R., & Rockinger, G.M. (1994). On stock market returns and returns on investment. <https://doi.org/10.1111/J.1540-6261.1994.TB05151.X>
- Lusardi, A., & Mitchell, O. S. (2014). The economic importance of financial literacy: Theory and evidence. *Journal of Economic Literature*, 52(1), 5-44. <https://doi.org/10.1257/jel.52.1.5>
- Malkiel, B. G. (2003). The efficient market hypothesis and its critics. *Journal of Economic Perspectives*, 17(1), 59–82. <https://doi.org/10.1257/089533003321164958>
- Mankiw, G. N., & Zeldes, S.P. (1991). The Consumption of Stockholders and Nonstockholders. *Journal of Financial Economics*, 29(1), 97–112. [https://doi.org/10.1016/0304-405X\(91\)90015-C](https://doi.org/10.1016/0304-405X(91)90015-C).
- Markowitz, H. (1952). Portfolio Selection. *The Journal of Finance*, 7(1), 77–91. <https://doi.org/10.2307/2975974>
- Mattoso de Souza, R. I. (2019). *As Influências dos Vieses Comportamentais no Processo Decisório de Alunos de Administração da UFRJ ao Investir*.
- Mauricas, Ž., Darškuvienė, V., & Tamara Mariničevaitė. (2017). Stock Market Participation Puzzle in Emerging Economies: the Case of Lithuania. *Organizations and Markets in Emerging Economies*.
- Mehra, Rajnish and Prescott, Edward C., The Equity Premium in Retrospect (2003). NBER Working Paper No. w9525, Available at SSRN: <https://ssrn.com/abstract=385025>.

- Mehra, Rajnish and Edward C. Prescott. (1985). The equity premium: A puzzle. *Journal of Monetary Economics*. [https://doi.org/10.1016/0304-3932\(85\)90061-3](https://doi.org/10.1016/0304-3932(85)90061-3)
- Miller, E.M. (2000). Stocks for the Long Run. *Journal of Social, Political, and Economic Studies*, 25, 99. <https://doi.org/10.5860/choice.40-2908>
- Moya-Ponce, C., & Madrazo-Lemaroy, P. (2023). Beliefs that provide a foundation for heuristics and biases in financial decision-making.
- Montier, J. (2002). *Applied Behavioural Finance: Insights into irrational minds and market*.
- Munger, C. T. (2005). *Poor Charlie's Almanack: The Wit and Wisdom of Charles T. Munger*. Edited by Peter D. Kaufman.
- Neelakantan, U. (2010). Estimation and impact of gender differences in risk tolerance. *Economic Inquiry*, 48(1), 228-233. <https://doi.org/10.1111/j.1465-7295.2009.00251.x>
- Nettayanun, S. (2017). Value Investing: Circle of Competence in the Thai Insurance Industry. *Asia-Pacific Journal of Risk and Insurance*, 11(1), 20160019. <https://doi.org/10.1515/apjri-2016-0019>.
- Neves, T. P. B. (2022). A influência dos traços de personalidade no perfil de risco do investidor. <https://hdl.handle.net/10071/27393>
- Nofsinger, J. R., & Varma, A. (2014). *Behavioral finance: Investors, corporations, and markets*. Pearson.
- Oliver-Márquez, F.J., Guarnido-Rueda, A., Amate-Fortes, I. (2021). Measuring Financial Knowledge: A Macroeconomic Perspective. *International Economics and Economic Policy*, 18 (1), 177–222. <https://doi.org/10.1086/690950>.
- Pak, O. and Mahmood, M. (2015), "Impact of personality on risk tolerance and investment decisions: A study on potential investors of Kazakhstan", *International Journal of Commerce and Management*, Vol. 25 No. 4, pp. 370-384. <https://doi.org/10.1108/IJCoMA-01-2013-0002>
- Person, J. L. (2012). *Mastering the stock market: High probability market timing and stock selection tools*. John Wiley & Sons, Incorporated.
- Spaht, C., & Rubin, H. (2016). Quality Individual Stock Investing Versus Index Investing. *Journal of Applied Business and Economics*, 18(3). Retrieved from <https://articlegateway.com/index.php/JABE/article/view/846>.
- Schwert, G. W. (1989). Business cycles, financial crises, and stock volatility. *Carnegie-Rochester Conference Series on Public Policy*, 31, 83-125. <https://doi.org/10.3386/w2957>
- van Raaij, W. F. (2016). *Understanding consumer financial behavior: Money management in an age of financial illiteracy*. Palgrave Macmillan. <https://doi.org/10.1057/9781137544254>.

- Van Rooij, M., Lusardi, A., & Alessie, R. (2011). Financial literacy and stock market participation. *Journal of Financial Economics*, 101(2), 449-472. <https://doi.org/10.1016/j.jfineco.2011.03.006>
- Tabot, Samuel. (2023). Exploring the merits of five-factor investing: A critical literature review. *International Journal of Research in Business and Social Science* (2147-4478). 12. 613-618. 10.20525/ijrbs.v12i3.2482.
- Teles, V. L. A. (2022). Literacia financeira: o conhecimento financeiro dos portugueses.
- Thaler, Richard & Shefrin, Hersh. (1981). An Economic Theory of Self-Control. *Journal of Political Economy*. 89. 392-406. 10.1086/260971.
- Tversky, A., & Kahneman, D. (1973). Availability: A heuristic for judging frequency and probability. *Cognitive Psychology*, 5(2), 207–232. [https://doi.org/10.1016/0010-0285\(73\)90033-9](https://doi.org/10.1016/0010-0285(73)90033-9).
- Tversky, A., & Kahneman, D. (1974). Judgment under uncertainty: Heuristics and biases. *Science*, 185(4157), 1124–1131. <https://doi.org/10.1126/science.185.4157.1124>
- Tversky, A., & Fox, C. R. (1995). Weighing risk and uncertainty. *Psychological Review*, 102(2), 269–283. <https://doi.org/10.1037/0033-295X.102.2.269>
- Samaras, G.D., & Matsatsinis, N.F. (2004). Intelligent Investor: An intelligent decision support system for portfolio management. *Operational Research*, 4, 357-371.
- Selten, R., & Neugebauer, T. (2014). 1 Stock Market “Puzzles” Observed in the Experimental Call Auction and Continuous Double Auction Market – a Comparison of the Two Market Institutions.
- Sharpe, W. F. (1991). The arithmetic of active management. *Financial Analysts Journal*, 47(1), 7-9. <https://doi.org/10.2469/faj.v47.n1.7>
- Shefrin & Statman. (1985). Disposition bias.
- Shefrin, Hersh & Statman, Meir. (1984). The Disposition to Sell Winners too Early and Ride Losers too Long. *Journal of Finance*. 40. 777-790.
- Sonenshine, J. (2023, Apr 25). The Stock Market's Gains Are a Puzzle. One Answer Is in the Weeds. *Barron's* (Online) <https://www.proquest.com/newspapers/stock-markets-gains-are-puzzle-one-answer-is/docview/2805613572/se-2>.
- van Rooij, M., Lusardi, A., & Alessie, R. (2011). Financial literacy and stock market participation. *Journal of Financial Economics*, 101(2), 449-472. <https://doi.org/10.1016/j.jfineco.2011.03.006>
- von Neumann, J., Morgenstern, O., & Rubinstein, A. (1944). *Theory of Games and Economic Behavior* (60th Anniversary Commemorative Edition). Princeton University Press. <http://www.jstor.org/stable/j.ctt1r2gkx>
- Wang, Y., & Sloan, F. A. (2018). Present bias and health. *Journal of Risk and Uncertainty*, 57(2), 177-198.

Yoong, J. (2011). Financial illiteracy and stock market participation: Evidence from the RAND American Life Panel. In A. Lusardi & O. S. Mitchell (Eds.), *Financial literacy: Implications for retirement security and the financial marketplace* (pp. 76-100). Oxford University Press.

10. Anexos

Anexo A – Discriminação Individual do Ecrã Overview

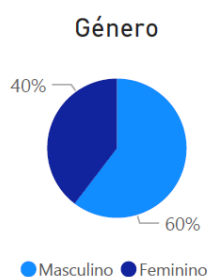


Figura 26 - Género (Fonte: Elaboração Própria)

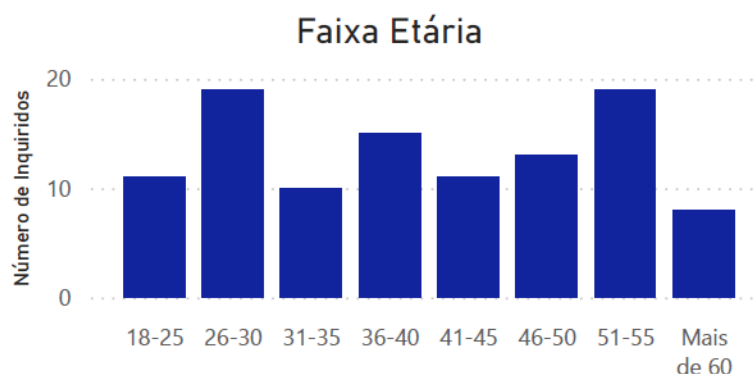


Figura 27 - Faixa Etária (Fonte: Elaboração Própria)

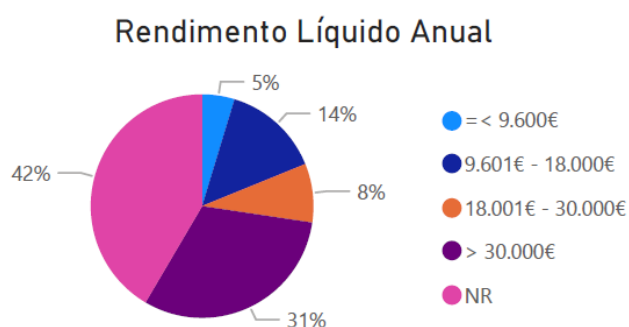


Figura 28 - Rendimento Líquido Anual (Fonte: Elaboração Própria)

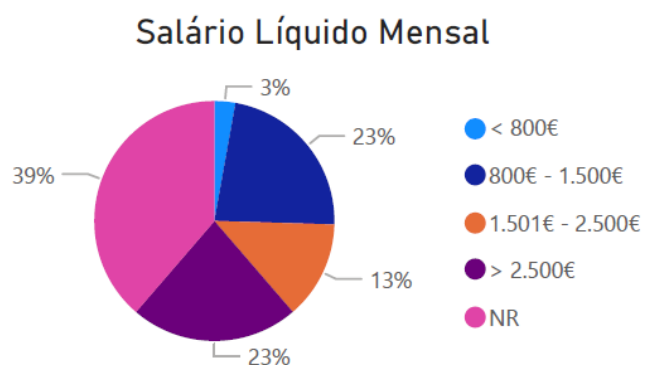


Figura 29 - Salário Líquido Mensal (Fonte: Elaboração Própria)

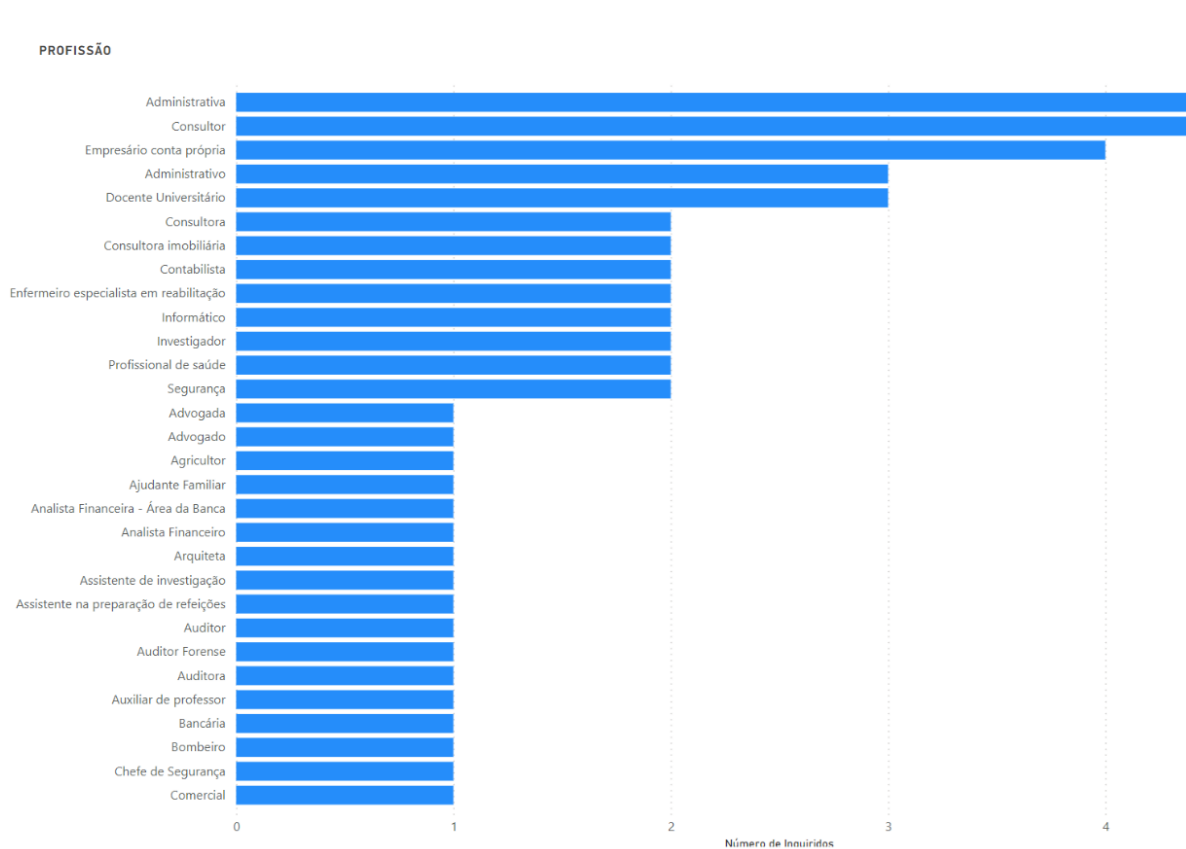


Figura 30 - Profissões (Fonte: Elaboração Própria)

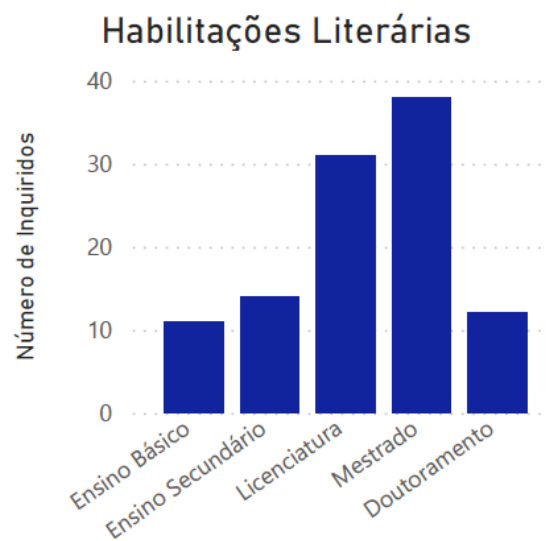


Figura 31 - Habilitações Literárias (Fonte: Elaboração Própria)

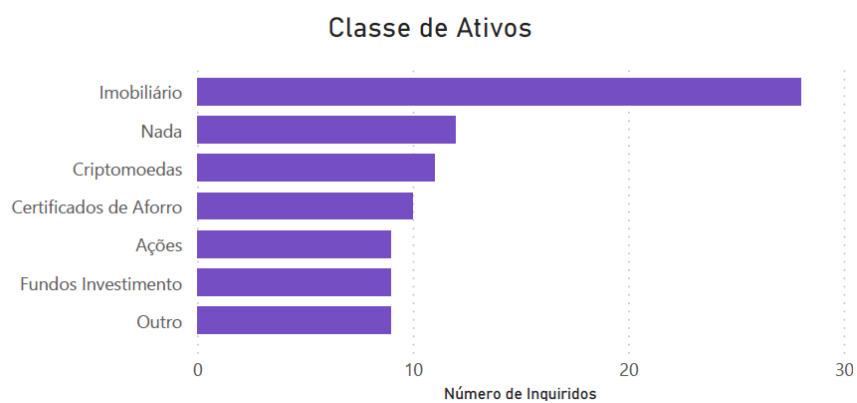


Figura 32 - Classe de Ativos (Fonte: Elaboração Própria)

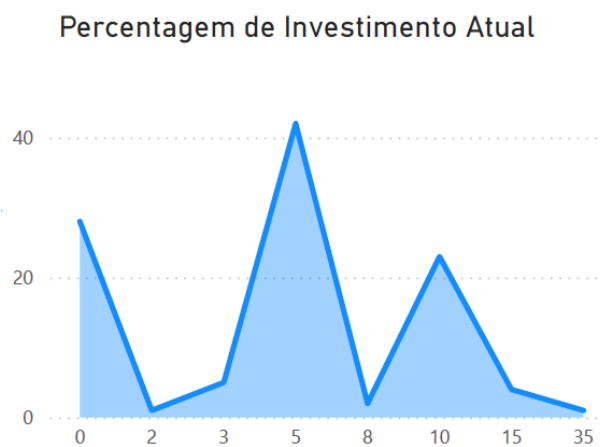


Figura 33 - Percentagem de Investimento Atual (Fonte: Elaboração Própria)

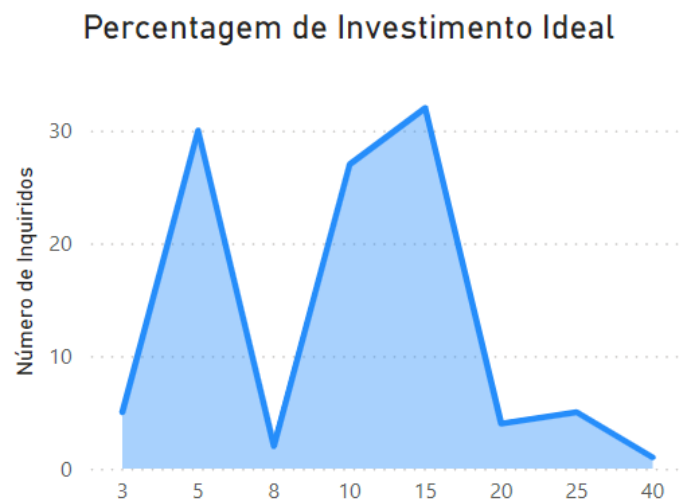


Figura 34 - Percentagem de Investimento Ideal (Fonte: Elaboração Própria)

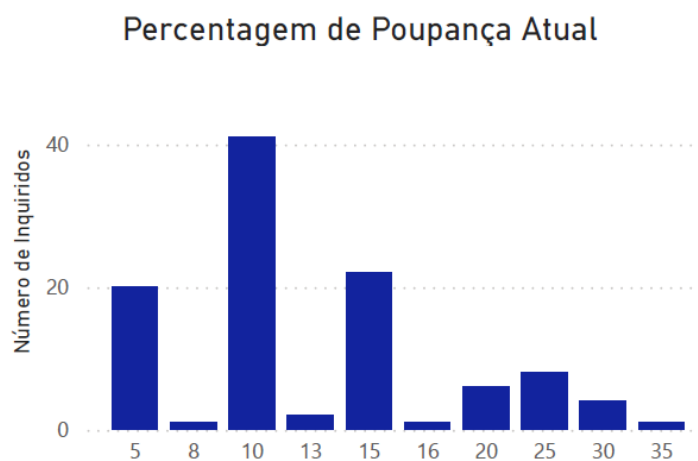


Figura 35 - Percentagem de Poupança Atual (Fonte: Elaboração Própria)

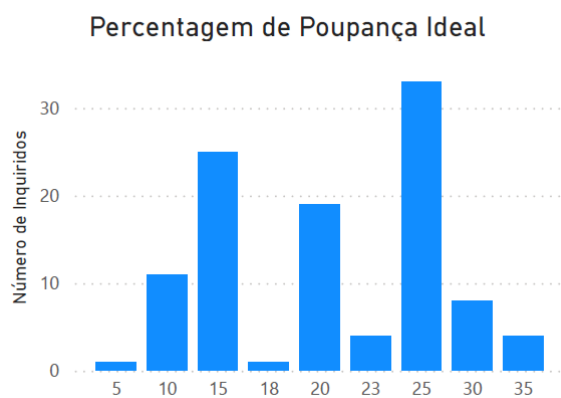


Figura 36 - Percentagem de Poupança Ideal (Fonte: Elaboração Própria)

Anexo B – Questionário Realizado



TESE DE MESTRADO - GESTÃO ESTUDO SOBRE A LITERACIA FINANCEIRA FACE AO INVESTIMENTO EM AÇÕES

• Parte 0 – Perfil do Inquirido

Nome:

Género:

Idade:

Profissão:

Habilitações Literárias:

Salário Líquido Mensal:

- i. Igual ou Inferior a 800€
- ii. Entre 800€ e 1.500€
- iii. Entre 1.501€ e 2.500€
- iv. Superior a 2.500€
- v. Prefiro não dizer

Rendimento Líquido Anual:

- i. Igual ou Inferior a 9.600€
- ii. Entre 9.601€ e 18.000€
- iii. Entre 18.001€ e 30.000€
- v. Superior a 30.000€
- vi. Prefiro não dizer

• Parte 1 – Entendimento da capacidade de gestão de finanças pessoais

1. Descreva, em termos percentuais (%) a gestão dos seus rendimentos, nomeadamente a distribuição entre poupança e investimento.
2. Assumindo que poupa e investe regularmente, pode descrever em que classe de ativos o faz, e porquê?
3. Na sua opinião, o que considera a alocação ideal de capital, em termos de poupança e investimento?
4. Confiaria a gestão do seu portfólio de investimentos a um profissional, com autonomia relativamente à alocação de capital?

• **Parte 2 – Literacia Financeira:**

1. Suponha que tem 100€ numa conta poupança e a taxa de juro é 2% ao ano. Se deixar o dinheiro na conta, quanto terá ao fim de 5 anos?
 - a. Mais de 102€
 - b. Exatamente 102€
 - c. Menos de 102€
 - d. Não sei
 2. Imagine que a taxa de juro do seu depósito a prazo é de 1% ao ano, e a inflação é de 2% ao ano. Após 1 ano, o que poderia comprar com o seu dinheiro?
 - a. Mais do que hoje
 - b. Exatamente o mesmo
 - c. Menos do que hoje
 - d. Não sei
-

3. Para a mesma taxa de juro, um empréstimo a 15 anos usualmente requer pagamentos mensais superiores a um empréstimo a 30 anos. No entanto, o montante total de juros a pagar é menor face ao empréstimo de 30 anos.
 - a. Verdade
 - b. Falso
 - c. Não sei
4. Se as taxas de juro subirem, os preços das obrigações descem.
 - a. Verdade
 - b. Falso
 - c. Não sei
5. Supondo que investe 1.000€ num produto financeiro com retornos anuais de 12%. Assumindo juros compostos, quantos anos demorará até dobrar o seu investimento?
 - a. 3 anos
 - b. 6 anos
 - c. 10 anos
 - d. 20 anos
 - e. Não sei

- **Parte 3 – Questionário de resposta fechada**

Pergunta	Sim	Não
1. Uma ação é como uma "parte" de uma empresa que as pessoas podem comprar, dando-lhes direito a receber lucros e votar em decisões importantes.		
2. Sabe que algumas empresas distribuem parte dos seus lucros aos acionistas na forma de dividendos?		
3. Investir em ações com um horizonte temporal de longo prazo geralmente é mais adequado para minimizar o impacto da volatilidade do mercado.		
4. Apenas os especialistas devem investir em ações.		
5. A liquidez das ações refere-se à facilidade com que elas podem ser compradas ou vendidas no mercado, afetando a sua volatilidade e preço.		
6. Está familiarizado com algum dos seguintes índices: S&P500, NASDAQ 100, MSCI World?		
7. Está familiarizado com o conceito de Dollar-Cost Averaging (DCA)?		

- **Parte 4 – Questionário de resposta aberta**

1. Qual o seu pensamento relativamente às Ações, enquanto classe de ativos?
2. Como descreveria a sua experiência passada, se houver, ao investir em ações?
3. Considera o investimento em ações uma estratégia de curto, médio ou longo prazo? Porquê?
4. Considera que as pessoas em geral, estão informadas relativamente a esta classe de ativos?
5. Gostaria de estar mais informado relativamente a esta classe de ativos?

SIMULADOR FINANCEIRO

Dados Pessoais

Nome Completo

Email

Data De Nascimento

Género

☐

Masculino

☐

Feminino

Profissão

Número De Telemóvel

O Seu Perfil de Investidor

Tem Experiência No Mercado Accionista?

☐

Sim

☐

Não

Objetivo Do Investimento

Rendimento Líquido Mensal (€)

Despesas Fixas Mensais (€)

Investimento Inicial

€ 500,00

Montante A Reforçar

€ 50,00

Periodicidade Dos Reforços?

Nenhuma opção selecionada



Como Lida Com A Volatilidade Nos Mercados?

Nenhuma opção selecionada



Horizonte Temporal

2 anos

Planeia Retirar Os Fundos, Num Período Inferior A 8 Anos?

☐

Sim

☐

Não

Submeter

Anexo D – Informações Úteis

Informação útil:

1. **Corretoras recomendadas** – Se está a começar a investir, recomendo uma corretora online com baixas comissões. Exemplos: Trading 212, XTB, Interactive Brokers, Degiro (Não tem possibilidade de ações recomendadas);
2. **Compra dos índices recomendados** – Para adquirir os índices recomendados, teremos de comprar ETFs (escolher apenas um por cada índice).
 - a. **S&P500** - SPDR S&P 500 ETF Trust (SPY), Vanguard S&P 500 UCITS ETF USD(VOO) e iShares Core S&P 500 ETF (IVV);
 - b. **NASDAQ100** - iShares Nasdaq 100 UCITS ETF (Acc), Invesco EQQQ Nasdaq-100 UCITS ETF e AXA IM Nasdaq 100 UCITS ETF USD Acc; e,
 - c. **MSCI World** - iShares Core MSCI World UCITS ETF USD (Acc), Xtrackers MSCI World UCITS ETF 1C e, HSBC MSCI World UCITS ETF USD.

Este simulador financeiro foi desenvolvido para auxiliar os investidores na tomada de decisões relativas à alocação de capital em ações. Contudo, é fundamental ter em mente os seguintes pontos ao utilizar esta ferramenta:

1. Rentabilidades Passadas Não Garantem Rentabilidades Futuras

Os resultados e rentabilidades apresentados neste simulador baseiam-se em dados históricos. No entanto, o desempenho passado de uma ação ou de um índice não garante que o mesmo desempenho se verifique no futuro. O mercado acionista é volátil e pode estar sujeito a flutuações imprevisíveis.

2. Risco de Mercado

Investir no mercado de ações envolve riscos. Embora este simulador procure sugerir alocações diversificadas para mitigar riscos, é possível que o valor dos investimentos diminua devido a fatores económicos, políticos ou de mercado. Os investidores devem estar preparados para enfrentar potenciais perdas.

3. Horizonte Temporal

Investimentos em ações tendem a ser mais indicados para investidores com um horizonte temporal a longo prazo. Quem precise de liquidez ou tenha objetivos de curto prazo deve avaliar cuidadosamente se o investimento em ações é a melhor opção.

4. Custo das Transações

As recomendações de alocação de capital não incluem os custos associados a transações, como comissões de corretagem ou outras taxas relacionadas. Estes custos devem ser tidos em conta ao calcular o retorno líquido dos investimentos. Ainda que as corretoras sugeridas sejam low-cost, existem sempre custos associados.

5. Informação Educativa

Este simulador não constitui aconselhamento financeiro. As informações disponibilizadas são de caráter educativo e não substituem a preparação individual.

Anexo E – Controlo de Registos

RELATÓRIO DE CLIENTES										
Mostrar 5 registos		Procurar:								
Nome	Experiência	Objetivo	Rendimento	Despesas	Investimento	Periodicidade	Reforço	Horizonte	Retirar	Relatório
Mauro Afonso	sim	Reforma antecipada	1200€	250€	1800€	Anual	1250€	35	Não	Ver mais
Mauro Afonso	sim	Reforma antecipada	2500€	1000€	1000€	Mensal	250€	25	Não	Ver mais
Nome	Experiência	Objetivo	Rendimento	Despesas	Investimento	Periodicidade	Reforço	Horizonte	Retirar	Relatório
Mostrando de 1 até 2 de 2 registos									Primeiro	Anterior
									1	Seguinte
									Último	

Anexo F – Retorno comparativo de diferentes classes de ativos

	Equity	Corp Bond	AAA Bond	BBB Bond	Treasury (10yr)	Treasury (30yr)	HY Bond	Treasury (HY Matched)	Treasury Bill	House Prices (Price Only)	Gold	Copper	Oil	Wheat	Commodities (CRB Index)
last 5yrs (2016-2020)	11.92%	11.41%	11.24%	12.05%	5.18%	10.60%	7.10%	3.53%	1.13%	4.56%	13.23%	6.19%	1.55%	6.84%	-3.99%
last 10yrs (2011-2020)	12.24%	9.01%	8.90%	9.07%	4.72%	9.09%	5.96%	2.74%	0.59%	4.52%	3.36%	-3.97%	-7.91%	-3.47%	-8.06%
last 15yrs (2006-2020)	8.82%	8.10%	8.03%	8.22%	5.03%	7.39%	6.90%	3.82%	1.12%	1.31%	9.34%	1.87%	-2.76%	3.49%	-5.43%
last 25yrs (1996-2020)	8.92%	8.27%	8.21%	8.35%	5.44%	7.45%	6.77%	4.47%	2.12%	4.03%	6.74%	3.36%	2.92%	0.27%	-0.18%
last 50yrs (1971-2020)	10.53%	9.34%	8.98%	9.73%	7.34%	8.06%			4.61%	4.95%	8.26%	3.49%	5.05%	2.32%	2.08%
last 75yrs (1946-2020)	10.86%	6.45%	6.19%	6.82%	5.55%	5.63%			4.00%	4.63%	5.44%	4.36%	3.77%	1.50%	1.83%
last 100yrs (1921-2020)	10.48%	6.51%	6.29%	6.97%	5.38%	5.55%			3.40%	3.67%	4.67%	3.17%	1.90%	0.99%	1.53%
last 150yrs (1871-2020)	8.92%				4.78%				3.29%		3.02%	1.43%	1.66%	1.09%	
last 200yrs (1821-2020)	8.66%				5.00%				3.63%		2.34%	1.16%			
since 1800	8.61%				5.19%				3.77%		2.11%	0.78%			
since 1900	9.62%	5.90%			4.72%	4.93%			3.33%	3.53%	3.84%	2.27%	2.67%	1.73%	
since 1920	10.13%	6.38%	6.18%	6.83%	5.28%	5.46%			3.42%	3.72%	4.62%	2.76%	2.08%	0.79%	1.16%
since 1930	9.63%	6.36%	6.14%	6.78%	5.24%	5.39%			3.37%	4.07%	5.14%	3.13%	2.89%	1.59%	1.78%
1900-2020	9.62%	5.90%			4.72%	4.93%			3.33%	3.53%	3.84%	2.27%	2.67%	1.73%	
since 1971	10.53%	9.34%	8.98%	9.73%	7.34%	8.06%			4.61%	4.95%	8.26%	3.49%	5.05%	2.32%	2.08%
since 1980	11.55%	10.24%	9.96%	10.53%	7.92%	9.28%			4.20%	4.29%	3.35%	2.59%	0.13%	0.52%	0.05%
since 1985	11.13%	10.14%	9.94%	10.34%	7.44%	9.30%	8.62%	6.48%	3.25%	4.15%	5.29%	4.38%	1.17%	1.14%	0.45%
since 1999	6.53%	8.27%	8.11%	8.39%	5.01%	7.08%	6.46%	4.05%	1.73%	3.99%	9.15%	6.56%	5.58%	3.62%	0.62%

Anexo G – Funcionamento do Simulador Financeiro

<https://drive.google.com/file/d/1r700U8Av0QEuEqSZShAfl3O0Uf8syznt/view?usp=sharing>

Tendo em conta o contexto meramente académico, a ferramenta encontra-se apenas disponível localmente, não estando publicado na internet para acesso público.

